



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE**  
**CURSO DE PEDAGOGIA**

**ISABELA MIRANDA DOS SANTOS**

**DA FALA PARA A ESCRITA: ESTUDO DA ESCRITA DE**  
**CRIANÇAS DO 2º ANO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO**  
**DF.**

**BRASÍLIA 2014.**

**ISABELA MIRANDA DOS SANTOS**

**DA FALA PARA A ESCRITA: ESTUDO DA ESCRITA DE  
CRIANÇAS DO 2º ANO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO  
DF.**

Monografia apresentada como  
requisito parcial para obtenção do  
título de Licenciado em Pedagogia  
pela faculdade de Educação – FE da  
Universidade de Brasília – UnB.

**Brasília, 2014.**

**SANTOS**, Isabela Miranda. *Da fala para a escrita: estudo da escrita de crianças do 2º ano de uma escola pública do DF*. Brasília - DF, Junho de 2014. 95 paginas. Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UnB.

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia.

FE/UnB

**DA FALA PARA A ESCRITA: ESTUDO DA ESCRITA DE  
CRIANÇAS DO 2º ANO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO  
DF.**

**ISABELA MIRANDA DOS SANTOS**

Monografia apresentada como requisito  
parcial para obtenção do título de  
Licenciado em Pedagogia pela faculdade  
de Educação – FE da Universidade de  
Brasília – UnB.

.....

Professor/a Orientador/a: Vera Aparecida Lucas de Freitas

Membros da Banca Examinadora

.....

a) Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias

.....

b) Grazielle Aparecida de Oliveira Ferreira

# DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha Mãe, Maria Delia Miranda, que é um exemplo a ser seguido, minha melhor amiga e companheira para todas as horas, ela nunca me deixou desanimar e desistir dos meus sonhos. E em especial ao meu Pai, Antônio Augusto dos Santos, Homem honesto e bondoso, que faleceu, sem realizar o sonho de me ver formada.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus que ilumina sempre os meus dias.

A minha Mãe por me fazer acreditar que sempre posso conseguir o que eu quero.

A meu Pai que sempre me deu força e apoio.

A minha família, que mesmo a distância, sempre acreditou na minha capacidade e potencial.

As minhas amigas que sempre me ajudaram nesta caminhada, e estiveram ao meu lado nas horas boas e difíceis.

A Neuseli Couto e Reinaldo Gomide que me ajudaram em meus estudos, estiveram ao meu lado em todas as horas, e sempre me incentivaram.

A Diogo, Gustavo e Henrique Gomide, meus irmãos queridos, que sempre me deram apoio e incentivo.

Aos Professores da FE-UnB que de alguma maneira contribuíram para a minha formação.

A minha orientadora Vera Freitas que me orientou com dedicação e contribuiu para a realização da produção desse trabalho.

Agradeço a banca examinadora deste trabalho Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias, Grazielle Aparecida de Oliveira Ferreira e Marcelo Fabiano Rodrigues (Suplente), que contribuiu para a minha formação, participando da defesa deste trabalho.

Obrigado a todos que ajudaram na minha formação, sempre mostrando que eu tenho capacidade e potencial para realizar os meus sonhos e objetivos.

## **APRESENTAÇÃO**

Este trabalho monográfico foi desenvolvido na área de Alfabetização, Língua Materna, do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília. Nesta pesquisa será desenvolvido um estudo sobre a escrita de crianças do 2º ano de uma escola pública do DF. Serão analisados os erros que essas crianças cometem na escrita, para se entender quais os fenômenos explicam a ocorrência desses erros.

## EPÍGRAFE

*“A Educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo”.*

Nelson Mandela



## RESUMO

O trabalho apresentado é um estudo sobre a escrita de crianças do 2º ano de uma escola pública do DF, localizada no Sol Nascente na Ceilândia. Serão analisados quais são os fenômenos que explicam os erros que essas crianças cometem na escrita, que são oriundos da fala e/ou da falta de domínio das convenções ortográficas da língua portuguesa. Analisamos também em que nível da psicogênese da escrita esses alunos estão e se este nível condiz com a sua idade e ano. Esta pesquisa é qualitativa, por que busca interpretar o que não está visível na escrita das crianças. Este tipo de pesquisa permite ao pesquisador acompanhar cada detalhe antes de fazer a análise. O interessante nesta abordagem é o processo, e ver o passo a passo.

Palavras-chave: escrita, alfabetização e psicogênese da escrita.

## SUMÁRIO

I – MEMORIAL	11
II – MONOGRAFIA	15
INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I – REFERÊNCIAL TEORICO	18
1. A alfabetização e Letramento	18
2. Um pouco sobre a história da escrita	22
3. Sobre a oralidade	24
4. Fenômenos da oralidade aparecendo na escrita	26
5. Alfabetizar letrando com gêneros textuais	31
6. A psicogênese da escrita	35
CAPÍTULO II – METODOLOGIA	40
A pesquisa	40
Perfil da pesquisadora e dos sujeitos colaboradores	41
CAPÍTULO III – ANÁLISE DOS DADOS	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
• PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS	58
• REFERÊNCIAS	60
• ANEXOS	62

## MEMORIAL

### Ensino Fundamental (1ª a 4ª série)

Estudei a minha vida toda em escola pública, eu nunca reprovei. Considero está fase da minha escolarização a melhor, foi da 1ª a 4ª série que eu me encantei pela profissão de professor. Foi nesta fase que eu tive as melhores professoras, pois, eu via nelas, o prazer de ensinar, elas conheciam cada aluno, e se preocupavam com cada um de nós.

Uma coisa que marcou muito está fase, é que, quando eu não tinha aula, eu ficava na sala da pré-escola, ajudando a professora, sei que eu era muito pequena, mas eu gostava muito de fazer isso, e sei que de alguma maneira isso me marcou muito.

Sempre gostei muito de estudar, mas em especial nesta fase, era um estudar gostoso, prazeroso e com gostinho de quero mais. As duas professoras que eu tive nesses quatro anos, marcaram muito a minha vida, pois elas sempre buscavam trazer coisas novas para a sala de aula, e isso me encantava.

Algo muito bom, que tenho até hoje em minha memória, foi dois livros que a professora contou, um de uma Fada, e o outro sobre pontuação, estes livros foram lidos em quase um mês, ela dizia “ todo dia eu vou ler um pouco, como se fosse uma novela”. Eu lembro que a turma contava os minutos todos os dias, para saber mais sobre a história, era um momento entre muitos que a classe toda gostava.

Posterior a contagem dessas histórias a professora fez um “concurso” de leitura, em que a sala toda se envolveu, todos nós líamos textos, e a própria turma era os jurados, era muito bom, não havia um espírito de competição. No fim do concurso teve três ganhadores, eu fui uma delas. São práticas tão simples, mas que envolvia a turma toda, e acontecia o mais importante, o ensino e aprendizagem. Quando eu conclui está fase da minha vida, eu já sabia o que eu queria ser quando crescer, Professora.

Fiquei muito confusa e triste quando passei para a 5ª série, e descobri outra realidade.

### **Ensino Fundamental (5ª a 8ª série)**

Confesso que quando passei para a 5ª série levei um susto, 12 professores, 12 disciplinas diferentes, 12 salas (uma para cada disciplina), grade de horários, aula simples, aula dupla, caderno de matéria, subir aula, muitos repetentes, etc. Demorei um tempo para entender todas essas mudanças, e para aceitar que eu não teria mais uma sala de aula, com uma só professora, com práticas e atividades novas.

O pior desta fase era quando tinha aula de exatas (matemática, química, física e biologia), até hoje, eu não entendo para que eu tinha que estudar isso, eu sempre comentava com o meu professor de reforço de matemática, “ a escola se torna chata a partir da 5ª série por que somos “obrigados”, a estudar coisa que não gostamos”, eu tive que fazer reforço de matemática por mais de 6 anos para poder passar em matemática.

O que eu nunca entendi até hoje, e que ainda acontece em todas as escolas, e que o aluno, quando chega nesta fase, ele não tem mais um nome, e sim um número, os meus sempre foram 15, 16 ou 17. E como se a nossa identidade fosse roubada, a explicação era que, demorava muito tempo fazer a chamada pelo nome, e o tempo era pouco, e para economizá-lo, “chamada pelo número”.

Tive nesta fase professores muito desmotivados, que não “ligavam”, para os alunos, apenas davam aula e pronto. Tinha umas duas ou três exceções.

### **Ensino Médio (1º ao 3º ano)**

Nesta fase, não houve grandes mudanças, da fase anterior. O que marcou a minha vida no ensino médio foi, em primeiro lugar , um professor de filosofia, que me apoiava e acreditava muito em mim, ele sempre perguntava: “ já sabe a profissão que você quer?” e eu respondia: “fazer Pedagogia”, ele sempre encerrava está conversa com a frase: “ você Isabela, vai fazer pedagogia, na UnB”.

Eu achava curioso, pois, ele falava isso com muita certeza, como se ele soubesse que ia acontecer, e a segunda coisa foi exatamente, ter passado na UnB.

No meio do ano de 2010 teve uma reunião na minha escola, para informar os pais sobre o vestibular, faculdade, etc. Quando eu cheguei em casa a minha mãe perguntou se eu havia feito a inscrição do vestibular da UnB, eu disse rindo, que nem sabia que estavam abertas as inscrições. A minha mãe me fez fazer a inscrição, e pagar com meu dinheiro, eu fiquei com muita raiva, pois, eu nunca acreditei que passaria para uma universidade pública, os meus professores, falavam muito isso, “que nós nunca passaríamos para a UnB”, eu internalizei isso de um jeito, que não acreditava em mim mesma.

O professor de filosofia sempre perguntava o dia da prova, e afirmava que eu passaria, confesso que nunca sentei para estudar para o vestibular, eu estudava todos os dias, e sempre gostei muito de estudar, mas nunca o estudo foi exclusivo para este fim.

Fiz a prova , não achei difícil, mas eu não acreditava que eu iria passar. Até o dia do resultado a minha mãe e o professor sempre falavam que eu havia passado. Quando saiu o resultado eu fiquei enrolando para não olhar. E quando eu resolvi olhar eu não acreditei no que eu estava vendo diante dos meus olhos, eu havia passado, eu tinha sido aprovada. Foi uma festa, eu chorei , minha família chorou, comemoramos muito. Eu agradei muito a minha mãe por ela ter-me “obrigado”, a fazer a inscrição e ter feito eu pagar com o meu dinheiro.

Quando cheguei na escola, na segunda, toda feliz, para dar a notícia ao professor de filosofia, ele passou por mim e disse: “ eu falei que você ia fazer pedagogia na UnB, eu pedi para a minha filha olhar se você tinha passado, estou muito feliz”. Ele me abraçou, foi um abraço muito verdadeiro, um abraço que ficou guardado na minha memória.

O melhor de tudo isso foram três coisas:

1º - Eu só fiz a metade do 3º ano, e fui liberada, eu e mais 4 alunas. Eu tinha apenas 17 anos e já ia para uma universidade.

2º- A escola fez uma formatura para nós 5, já é bom se formar com todo mundo, mas imagina, uma formatura para 5 meninas, que foram liberadas do ensino médio sem

concluí-lo, para entrar na UnB, éramos 5 estrelas, todos estavam voltados para nós, a escola parou para a nossa formatura.

3º- A escola espalhou faixas por toda a escola com os nossos nomes, e cursos. Não tinha como negar éramos as “estrelas”, da escola.

Fui liberada da escola, mas eu estava muito assustada, eu não sabia o que me esperava.

### **Ensino Superior - UnB (Pedagogia)**

Eu só acreditei que tinha passado mesmo na UnB, quando eu fiz a minha matrícula e carteirinha, foi quando eu tive certeza. Até conhecer a UnB totalmente, eu fiquei um pouco assustada, pois, querendo ou não, era um mundo diferente, de tudo que eu já havia vivido.

Já estou no fim do meu curso, em todos esses anos, eu tive amigos que ficaram e que se foram, disciplinas boas e ruins, professores dedicados e preocupados com a educação, outros não, teorias que não serviram para nada, teorias que me encantaram, práticas que convergem com a teoria, e praticas que provam as teorias, em fim, entre idas e vindas, em meu curso, eu só confirmava uma certeza que eu sempre tive, desde a 1ª série, quando eu tinha apenas sete anos de idade, eu quero se Professora.

## INTRODUÇÃO

A monografia apresentada refere-se ao estudo da escrita de crianças do 2º ano de uma escola pública do DF. A pesquisa analisará os erros na escrita dessas crianças, com a pretensão de explicar os fenômenos que explicam o porquê da ocorrência desses erros.

Estamos em pleno século XXI e o Brasil ainda não conseguiu resolver um grande problema que é o analfabetismo. Algumas razões deste problema são a pobreza, o desemprego, a exploração do trabalho infantil, sistemas de ensino insatisfatórios, entre outros. A questão do ensino de língua portuguesa agora não se reduz a apenas a alfabetizar o aluno, as exigências da vida moderna indicam que é preciso alfabetizar e letrar simultaneamente.

O indivíduo, além de saber ler e escrever, deve também saber usar essas competências em diferentes contextos sociais (política, cultural, econômica, etc). Ou seja, a noção de letramento envolve os usos sociais que fazemos da escrita e da leitura. (CARVALHO, 2011, P.65-68)

Pela diversidade de usos, a língua oral é alvo de muitos preconceitos por parte daqueles que aspiram a uma língua pura, e é por isso que estudos e pesquisas sobre o tema vieram para confirmar que não existe língua superior ou inferior a outra, mas sim dialetos diferentes, devido a uma série de fatores, como por exemplo, diferenças de localização no espaço geográfico, de estrato social e econômico, nível de escolarização, idade.

A fala tem as suas diferenças e é flexível, porém a escrita tem de se realizar de acordo com a norma padrão. A modalidade escrita da língua tem uma função unificadora na sociedade e deve ser uma só para todo o território brasileiro. Com isso, é possível se obter uma única forma de registro por essa modalidade de expressão da língua. A escola, portanto, tem o dever de ensinar aos alunos as convenções ortográficas de sua língua materna, ou seja, a regra padrão da escrita.

O trabalho apresentado é uma pesquisa que tem como **objetivo geral** : Observar em textos escritos de crianças alfabetizanda como os fenômenos da fala aparecem na escrita.

Entre os objetivos específicos estão presentes:

- Descrever as principais regras variáveis que aparecem no texto escrito influenciado pela fala.
- Descrever a fase de apropriação do sistema de escrita alfabético em que se encontram os alunos e se isso condiz com seu grau de escolarização.

### **Questão norteadora**

Quais são as explicações para os erros ortográficos encontrados nos textos de alunos do 2º ano, que ocorrem por interferência da oralidade na produção escrita?

### **Justificativa**

A realização deste trabalho surgiu da necessidade de ampliar o conhecimento sobre o uso da sociolinguística dentro de sala de aula, de acordo BORTONI-RICARDO (2004), pois os erros que os nossos alunos cometem na escrita têm explicações, porém na fala não há erros e sim variações, se houver entendimento na comunicação. O uso da sociolinguística para estender estes fenômenos pode favorecer e ajudar muito o professor em sua prática pedagógica, em especial na alfabetização. A alfabetização é uma das principais fases da escolarização de nossos alunos, e é a qualidade desta alfabetização que trará as consequências para todo o resto da educação básica dessas crianças.

Os problemas da Educação Brasileira têm início no ensino fundamental, que não vem atingindo o objetivo que esta prevista na LDBEN de dezembro de 1996, art.32, I, que é: “a formação básica do cidadão mediante o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meio básico o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo”.

A escola precisa empenhar-se na ampliação de recursos comunicativos para suas crianças. Com isso, os alunos sempre que desejarem e precisarem saberão monitorar sua fala, ajustando-se a seus interlocutores, e aos contextos das situações em que se encontrarem, e saberão usar as normas sociais que os contextos exigirem em sua vida pessoal e profissional (CARVALHO, 2011, p66).

A realidade e a prática de sala de aula nos mostra que a sociolinguística voltada para a educação pode trazer uma grande contribuição a fim de melhorar a qualidade do ensino da língua portuguesa para o Professor e o aluno. A sociolinguística trabalha com fenômenos da língua em uso, com base na relação língua e sociedade voltada para a realidade e contextos vividos pelos alunos. Para que isso ocorra, o professor tem um



papel muito importante na sociedade, em que, este deve trabalhar com as diferenças, procurando minimizar as dificuldades dos alunos para que ocorra o domínio da leitura e da escrita. (BORTINI-RICARDO, 2004, P.18-22).

### **Motivação**

A motivação para este trabalho se deu pela necessidade de se compreender quais são as explicações para os erros que crianças em processo de alfabetização do 2º ano, cometem na escrita, que são oriundas da fala, assim como analisar se o nível de seu desenvolvimento condiz com o seu ano de escolarização.

### **Como a monografia está estruturada**

No Capítulo I apresento o referencial teórico, em que, discuto as teorias e ideais dos principais autores das áreas da sociolinguística, alfabetização, letramento, gêneros textuais e da psicogênese da escrita que foram base do estudo para realização da pesquisa.

No Capítulo II abordo a metodologia utilizada na pesquisa. Além disso, serão explicitados os objetivos da pesquisa, a justificativa, os instrumentos, e os perfis da pesquisadora e dos sujeitos colaboradores.

No Capítulo III faço a análise de dados da pesquisa que, por sua vez, serão relacionados com os principais autores e teorias do tema abordado.

Nas considerações finais faço uma reflexão sobre a pesquisa e os seus resultados.

# CAPÍTULO I – REFERÊNCIAL TEÓRICO

## 1. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO.

"[...] A minha contribuição foi encontrar uma explicação segundo a qual, por trás da mão que pega o lápis, dos olhos que olham, dos ouvidos que escutam, há uma criança que pensa." (Emília Ferreiro).

Marlene Carvalho (2011), Luiz Antônio Marcuschi (2010), Magda Soares (2001) definem alfabetização da seguinte maneira:

Alfabetização no sentido restrito de aprendizagem inicial da leitura e escrita, isto é, a ação de ensinar (ou resultado de aprender) o código alfabético, ou seja, as relações entre letras e sons. Alfabetizar é ensinar o código alfabético. (CARVALHO, 2011, p.65).

A alfabetização pode dar-se, como de fato se deu historicamente, à margem da instituição escolar, mas é sempre um aprendizado mediante ensino, e compreende o domínio ativo e sistemático das habilidades de ler e escrever. (MARCUSCHI, 2010, p.21)

**Alfabetizar** é tornar o indivíduo capaz de ler e escrever. **Alfabetização** é a ação de alfabetizar, de tornar “alfabeto”. (SOARES, 2001, p.31, grifo do autor).

Uma pessoa alfabetizada conhece os sons e as letras, lê textos simples, lê palavras simples, escreve, mas não podemos dizer que essa pessoa faz os usos sociais da leitura e da escrita sendo apenas alfabetizada. O sujeito para poder fazer esses usos, deve além de ser alfabetizado ser também letrado.

De acordo com Luiz Antônio Marcuschi (2010), Marlene Carvalho (2011), Magda Soares (2001), podemos entender letramento da seguinte forma:

O letramento, por sua vez, envolve as mais diversas práticas da escrita (nas suas variadas formas). [...] Letrado é o indivíduo que participa de forma significativa de eventos de letramento e não apenas aquele que faz o uso formal da escrita. (MARCUSCHI, 2010, p.25)

[...] letrar é familiarizar o aprendiz com os diversos usos sociais da leitura e escrita. [...] letrado é alguém que se apropriou suficientemente da escrita e da leitura a ponto de usá-la com desenvoltura, com propriedade, para dar conta de suas atribuições sociais e profissionais. (CARVALHO, 2011, p.65-66).

[...] a pessoa que aprende a ler e a escrever – que se torna alfabetizada – e que passa a fazer uso da leitura e da escrita, a envolver-se nas práticas sociais de leitura e de escrita – que se torna letrada – é diferente de uma pessoa que não sabe ler e escrever – é analfabeta – ou, sabendo ler e escrever, não faz uso da leitura e da escrita – é alfabetizada, mas não é letrada, não vive no estado e condição de quem sabe ler e escrever e pratica a leitura e a escrita.[...] torna-se letrado é também torna-se cognitivamente diferente: a pessoa passa a ter uma forma de pensar diferente da forma de pensar de uma pessoa analfabeta ou iletrada. (SOARES, 2001, p.36-37)

A tarefa de nós, professores, é alfabetizar letrando. Isso, de acordo com a sugestão do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – PNAIC, deve ser feito utilizando-se os mais diversos gêneros textuais. O PNAIC é um acordo assumido pelo governo federal, estados, municípios e entidades para alfabetizar as crianças até o término do BIA (Bloco Inicial de Alfabetização), aos 8 anos. O PNAIC enfatiza em seu texto o direito a Educação básica a todos os brasileiros, segundo previsto na lei 9394/96, assim sendo, a escola é obrigatória para as crianças e tem papel relevante em sua formação para agir na sociedade e para participar ativamente das diferentes esferas sociais. Para isso, o MEC oferecerá aos professores alfabetizadores formação continuada.

O PNAIC destaca a importância do trabalho com gêneros textuais nos diferentes componentes curriculares. O professor deve garantir a criança, o acesso aos gêneros textuais, o que beneficiará o aluno ao escrever, ler e falar.

O acesso à diversidade de gêneros que circulam em diferentes esferas sociais favorece o ingresso das crianças no mundo da escrita e sua participação em situações mais públicas de uso da oralidade. No entanto, para que os meninos e as meninas possam participar das diferentes situações de interação não é suficiente ter contato com os

textos, eles precisam desenvolver autonomia de leitura e escrita.  
(BRASIL, 2012, p.7).

O PNAIC destaca os direitos de aprendizagem no ciclo de alfabetização – Língua Portuguesa, a saber:

- Compreender e produzir textos orais e escritos de diferentes gêneros, veiculados em suportes textuais diversos, e para atender diferentes propósitos comunicativos, considerando as condições em que os discursos são criados e recebidos.
- Apreciar e compreender textos do universo literário (contos, fábulas, crônicas, poemas, dentre outros), levando-se em conta os fenômenos de fruição estética de imaginação e de lirismo, assim como os múltiplos sentidos que o leitor pode produzir durante a leitura.
- Apreciar e usar em situações significativas os gêneros literários do patrimônio cultural da infância, como parlendas, cantigas, trava língua.
- Compreender e produzir textos destinados à organização e socialização do saber escolar/científico (textos didáticos, notas de enciclopédia, verbetes, resumos, resenhas, dentre outros) e à organização do cotidiano escolar e não escolar (agendas, cronogramas, calendários, caderno de notas...).
- Participar de situações de leitura/escuta e produção oral e escrita de textos, destinados à reflexão e discussão acerca de temas sociais relevante (notícias, reportagens, artigos de opinião, cartar de leitores, debates, documentários...)
- Produzir e compreender textos orais e escritos com finalidades voltadas para a reflexão sobre valores e comportamentos sociais, planejando e participando de situações de combate aos preconceito e atitudes discriminatórias (preconceito racial, de gênero, preconceito a grupos sociais, preconceito linguísticos, dentre outras).

Alfabetizar e letrar é inserir o aluno em diferentes contextos que envolvem a comunicação. Esses contextos são práticas sociais vividas no dia a dia de qualquer pessoa, como, por exemplo: relatar um fato, escrever um bilhete, dar troco, contar dinheiro, dar recados, falar ao telefone, entre outras tantas.

A leitura é essencial no processo de alfabetizar e letrar, porque ler e escrever são duas coisas que andam junto. O professor deve ensinar os alunos a usar estratégias de leitura para ler e compreender o texto, e deve apresentar-lhes essas estratégias ao ler para eles. O professor que mostra interesse e curiosidade no texto lido despertará, a cada dia, a vontade da criança em querer aprender a ler e escrever. Carvalho (2011, p. 88) argumenta que “[...] o importante é que ela seja capaz de seguir o fio da história, que a leitura lhe dê prazer, que a faça pensar, faça sonhar”.

É importante ressaltar que a criança começa seu processo de letramento desde muito pequena ao conviver com as pessoas que estão ao seu redor, que vão, aos poucos, a inserindo no mundo da escrita, contando-lhe histórias, dando revistinhas para ela brincar. Portanto, desde muito cedo, a criança está em contato com as letras, rodeada por placas, rótulos, cantigas de roda, receitas, televisão, etc. Em contrapartida, a alfabetização acontece, na maior parte das vezes, na escola por meio do ensino formal, que têm a tarefa de ensiná-la de forma sistematizada, em que, o professor não deve deixar de considerar as vivências e experiências que a criança já tem quando entra na escola.

## 2. UM POUCO DA HISTÓRIA DA ESCRITA

“ Ensinar exige a convicção de que a mudança é possível”. (Paulo Freire)

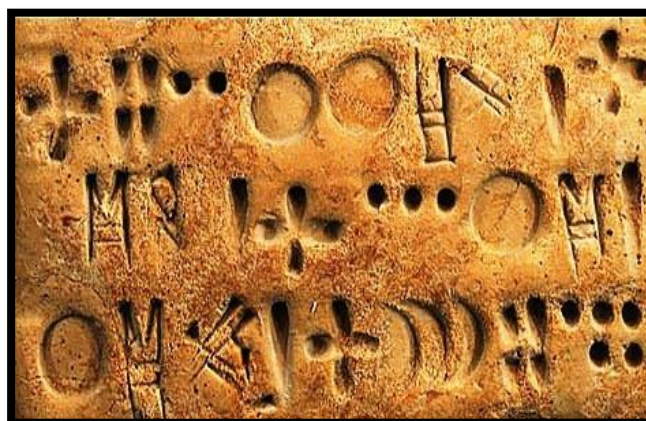
Neste tópico, o objetivo é mostrar um breve resumo da história da escrita, em diálogo com Luiz Carlos Cagliari (2000, p.96-100). De acordo com esse autor a história da escrita é dividida em três fases, são elas: pictórica, ideográfica e alfabética. A fase pictórica é a escrita de desenhos ou pictogramas. A fase ideográfica é a escrita através de desenhos, pelos chamados ideogramas. A fase alfabética é quando se utilizam as letras. Surgiram com os ideogramas e passaram a ter uma representação fonológica pura.

**Figura 1: Fase Pictórica**



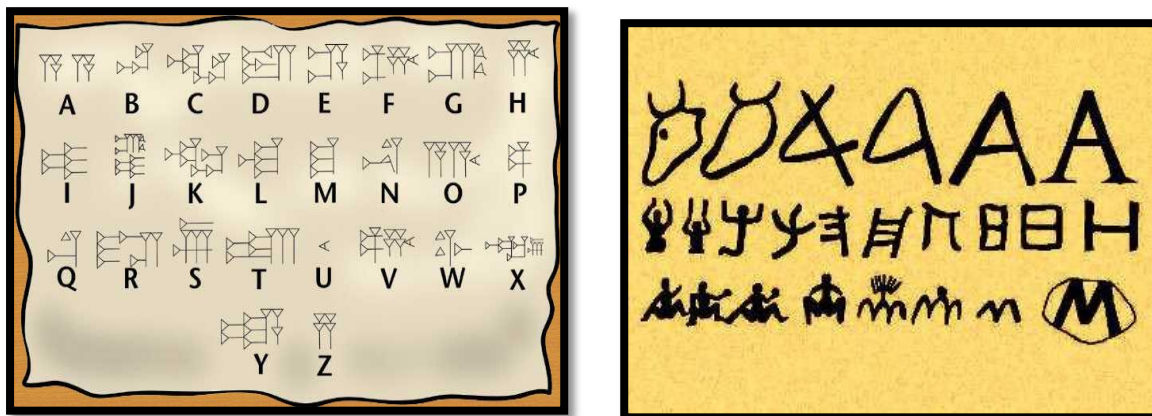
Fonte: Disponível em: <http://www.google.com.br/search?q=fase+pictorica&source=lnms&tbn=isch&sa> Acesso em: 19 de out, 2013 .19:00.

**Figura 2 : Fase Ideográfica**



Fonte: Disponível em:  
 <<https://www.google.com.br/search?q=escrita+ideografica&source=lnms&tbn=isch&s>>  
 Acesso em 19 de out, 2013,19:17.

**Figura 3 e 4 : Fase Alfabética**



Fonte: Disponível em:  
 <<https://www.google.com.br/search?q=escrita+ideografica&source=lnms&tbn=isch&s>>Acesso  
 em 19 de out, 2013, 19:30.

Para se chegar ao alfabeto que temos hoje, houve muitas transformações e mudanças. É a partir deste sistema fonográfico, que temos as representações dos sons e da fala. Confira o que nos diz Cagliari (1998):

A escrita, seja ela qual for, sempre foi uma maneira de representar a memória coletiva religiosa, mágica, científica, política, artística e cultural. (p.112).

A escrita que temos hoje, e que ensinamos para nossas crianças, já passaram por muitas transformações por diferentes povos, culturas e lugares.

### 3. SOBRE A ORALIDADE

A oralidade no processo de alfabetização está muito presente, e uma das tarefas do professor é ensinar a criança que a escrita não é uma simples transcrição da fala. De acordo com o Pacto para a alfabetização na Idade Certa (PNAIC), a alfabetização deve pautar-se em quatro eixos: leitura, produção de textos escritos, oralidade e análise linguística. A oralidade, como se vê, é um dos pilares da alfabetização.

Uma grande dificuldade que os professores têm é a de explicar para os alunos que na fala há variações, pois cada pessoa fala de acordo com o lugar que nasceu, sua cultura seu grau de escolarização, seu grupo social, etc.

Por isso, o professor deve ter cuidado ao julgar a fala de um aluno com a frase: “erros de português”, pois na fala não há erros, há diferenças, conforme postulado pelo social. Entretanto, na escrita, por essa ser um fator de unificação, exige-se que siga uma norma que esteja dentro dos padrões e regras das convenções ortográficas da língua portuguesa.

Contudo, a ciência linguística explica com base em pesquisas, que os erros que as crianças cometem na escrita, que sejam provenientes de uma fala, tem uma razão de ser. Ou seja, são reflexos do repertório que constitui o seu dialeto.

Até hoje, os professores não sabem muito bem como agir diante dos chamados “erros de português” [...] erros de português são simplesmente diferenças entre variedades da língua. (BORTONI-RICARDO, 2004, p.38).

O professor, sabendo desta diferença entre oralidade e escrita, deve ensiná-las aos alunos, ressaltando a importância de não haver preconceitos em relação à fala do outro, pois não há fala inferior ou superior. O objetivo da língua é a comunicação, e se um entende o outro nas atividades de comunicação oral, mesmo que isso tenha sido feito por meio de uma variante não padrão, a língua cumpriu o seu papel. Segundo Carvalho (2011):

Para a criança que começa a escrever, essa é uma das maiores dificuldades, pois aprender a escrever não se resume a aprender a



escrever o que se diz. [...] alguns tentam erradamente, ensinar a criança a falar como se escreve, ou a escrever como se fala. E preciso lidar com duas ordens diferentes, a da língua escrita e a da língua oral. (p. 68).

Na alfabetização, quando as crianças escrevem os textos muitas vezes representam as palavras tal qual elas falam. Isso ocorre por que a atividade central na vida da criança é a oralidade e não a escrita. É importante refletir sobre isso porque possibilita ao professor conhecer mais seu aluno, considerando com isso a interação da criança com o meio em que ela vive.(CARVALHO, 2011).

O professor da alfabetização deve considerar no texto de uma criança, todo o processo da construção de sua escrita em que este inclui a oralidade. É comum o professor focar apenas nos erros ortográficos, e riscar toda a folha. Com isso, o professor não oferece às crianças estímulos e possibilidades para refazer e “acertar”, não desperta a curiosidade da criança em querer saber o porquê errou e como é o certo. No processo de aprendizagem a criança vai dominando os processos de ler e escrever. Se o professor deixá-la ser protagonista da construção do seu conhecimento, ele terá mais chance de sucesso. Veja o que mostra o trecho de Carvalho (2011, p.115):

“Os outros riam dele, diziam que estava escrevendo tudo errado. Eu dizia: deixa, ele está escrevendo do jeito dele”.

#### **4. FENÔMENOS DA ORALIDADE APARECENDO NA ESCRITA.**

“Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre”. (Paulo Freire)

A fala é considerada um fator de identidade social que auxilia na formação do indivíduo e é através da fala que o homem manifesta as suas emoções, pensamentos, sentimentos, desejos, prazeres, etc.

Os brasileiros, mesmo fazendo parte de um mesmo país falam de formas diferentes. Isso ocorre pela miscigenação de diversas culturas. Em cada cantinho do Brasil encontramos características diferentes na fala de seus habitantes. Porém, quando uma criança apresenta uma redação à professora, que vem com as características de oralidade que se originam nos antecedentes socioculturais dela, muitas vezes o seu texto é desvalorizado e desqualificado.

O professor não percebe que é através dos traços da oralidade presentes na escrita, que o seu trabalho de mediação “começa”, e que, é neste momento que a criança vai internalizar de maneira processual a norma padrão/culta. (MELLO, 2012, p.3-5)

E na interação professor/aluno, na mediação, que a criança vai tentando, experimentando, entendendo, tirando dúvidas, e aprendendo. Mas isso só é possível se o ambiente da sala de aula for um ambiente de ensino e aprendizagem com foco na sensibilização, em que, o professor ensina, mas também aprende com o aluno, e vice-versa. As diferenças na oralidade não devem ser um empecilho na alfabetização, mas sim, uma grande arma que contribui no processo de alfabetização e no trabalho do professor. (CARVALHO, 2011).

É como enfatiza Mello:

[...] para propagação de uma escola que exerça com competência seu papel de agente transformador da sociedade, que saiba identificar e trabalhar com as diferenças, procurando minimizar a dificuldade do aluno, buscando soluções plausíveis para uma educação qualitativa, porque é disso que o Brasil e nós brasileiros precisamos com urgência.” (MELLO, 2012, p.3).

A produção escrita foi e ainda é muito valorizada na escola, só que hoje essa valorização tem uma relação mútua com a oralidade, pois esta favorece o respeito à cultura e a tradição dos diferentes tipos de fala dos alunos, a oralidade hoje mais do que nunca é um elemento fundamental na formação cultural do aluno.(MARCUSCHI, 2010, p 35-37).

Trabalhar a oralidade dentro de sala de aula, mostrando seu valor, sua importância e sua contribuição na formação cultural da sociedade é o grande desafio do século XXI. (MELLO, 2012, p.3).

Cabe ao professor trabalhar para enfrentar esse desafio e lutar contra o preconceito e a discriminação dos que anseiam uma língua pura, o que em nossa realidade brasileira não é “possível”, por que somos um país de culturas heterogêneas. (MELLO, 2012)

O que percebemos na escrita das crianças é que elas não dominam as convenções ortográficas da língua portuguesa, e por isso, elas precisam se basear em alguma coisa, o que as levam a se basear na oralidade para escrever, no início as crianças não percebem que há diferenças na fala e na escrita, essa percepção acontece com o tempo, nas mediações do professor durante o processo de ensino e aprendizagem.

A escola tem como um de seus objetivos possibilitar o acesso dos alunos à norma culta e desenvolver um trabalho a partir dos usos da língua falada e escrita, sem desprezar as variações linguísticas desses alunos, evitando, assim, uma atitude errônea e preconceituosa, pois esses fenômenos são passíveis de explicação. (MELLO, 2012,p.13)

A escrita é muito importante, pois ela é usada em contextos básicos de nossas vidas, entretanto, a escrita não pode andar sozinha ela está sempre acompanhada da oralidade, esses contextos são os mais diversos possíveis, como: escola, trabalho, família, cotidiano, entre outros, porém não podemos dizer que a escrita acontece sem a oralidade e nem vice-versa. (MARCUSCHI, 2010).

Os gêneros textuais surgem exatamente desta relação escrita/oralidade, como enfatizou Marcuschi “Inevitáveis relações entre escrita e contexto devem existir fazendo surgir gêneros textuais e formas comunicativas, bem como terminologias e expressões típicas” (MARCUSCHI, 2010, P.19).

O que é relevante neste contexto é que a língua, seja ela escrita ou falada, nós leva a pensar na sociedade como um todo, em todos os aspectos que a caracteriza (cultura, crenças, sociolinguística, valores, etc.). A escrita não existiria sem a oralidade, tampouco, a oralidade sem a escrita.

A oralidade jamais desaparecerá e sempre será, ao lado da escrita, o grande meio de expressão e de atividade comunicativa. A oralidade enquanto prática social é inerente ao ser humano e não será substituída por nenhuma outra tecnologia. Ela será sempre a porta da nossa iniciação à racionalidade e fator de identidade social, regional, grupal dos indivíduos. (MARCUSCHI, 2010, p.36)

Há ambientes em que a criança começa o seu processo de sociabilização como: a família, os amigos, a escola, etc. Esses são chamados de domínios sociais, que são espaços físicos onde as pessoas interagem assumindo papéis sociais, e esses papéis sociais são constituídos pela interação humana. (MARCUSCHI, 2010) e (BORTONI-RICARDO, 2004).

Dentro da sala de aula, que é um dos domínios sociais, há diversas variações do uso da língua, o que é importante para nós é entender que há regras que determinam as ações que ali são realizadas. Dentro da escola há diferenças entre os papéis sociais: professores, diretores, coordenadores, alunos, etc. Em que os primeiros, devem ter cuidado com a sua fala, ou seja, devem monitorar a sua fala mais do que os alunos. Além de tudo, se deve observar dentro da sala de aula as variedades regionais de nossos alunos. (BORTONI-RICARDO, 2004).

O que se é muito constante observar hoje é, segundo Bortoni-Ricardo (2004, P.37), é que os professores não sabem como lidar com os chamados “erros de português”, o erro ao qual me refiro, está relacionado às diferenças entre as variedades da língua, este fato é devido às relações de oralidade que ocorrem dentro de casa, que são tidos com afeto e informalidade. (BORTONI-RICARDO, 2004).

Nas últimas duas décadas os educadores brasileiros vêm passando por uma polêmica, pois é incoerente e incorreto usar os erros que os alunos cometem para humilhá-los. Esses erros devem ser usados para conscientizar ao próprio professor e a seus alunos dessas variações e diferenças que há dentro da sala de aula. A regra padrão deve ser usada na escrita, e não na oralidade. O papel do professor nesta questão, é

ensinar aos alunos que na língua falada não se exige muito a monitoração, como se exige na escrita. (BORTONI-RICARDO, 2004)

A linguagem do aluno pode está distante da língua padrão, mas isso, não faz com que a sua língua seja pobre e/ou inferior a variedade padrão, não podemos nos esquecer de que a língua oral e a língua escrita se articulam e influenciam mutuamente. (MELLO, 2012).

No livro de Lemle de 1994 - Guia teórico do alfabetizador – (1994, p 7-12), a autora traz alguns problemas que o professor deve ficar atento para fazer com que a criança perceba e entenda certos fenômenos que devem ser ensinados e orientados durante o seu processo de alfabetização, a saber:

1º o que representam os risquinhos pretos em uma folha;

2º que esses risquinhos representam um símbolo de um som da fala, tendo esses valores sonoros, que a criança deve conhecer;

3º conscientização da percepção auditiva;

4º saber o conceito de palavra, e saber que na escrita deve haver uns espaços entre estas;

5º na escrita a sentença sempre é começado por letra maiúscula e terminada com ponto final.

No processo de alfabetização a criança deve entender a relação entre letras e sons na fala. O incrível é quando a criança percebe que os sons são representados por uma letra e que as letras representam os sons.

Partindo deste todo, chegaremos ao foco desta pesquisa que são os erros da escrita propriamente ditos. No português do Brasil há sete vogais orais e cinco vogais nasais em quase todas as variedades. As vogais (e) e (o) quando ocorrem antes ou depois da sílaba tônica, são pronunciadas como (i) e (u), exemplo: *minina*, *mininu* etc. As consoantes são classificadas como **surdas** (não há vibração do som nas cordas vocais), e **sonoras** (há vibração dos sons). E, muitas vezes, esse é o motivo pelo qual as crianças erram a nossa ortografia brasileira é repleta de regras. Para a criança este é um

processo que ocorre dia após dia e ela precisa de tempo para aprender. (BORTONI-RICARDO, 2004, p 80 - 85)

São as desigualdades socioculturais que geram as variedades linguísticas que aparecem dentro da sala de aula. E é para não acontecer o preconceito linguístico que a escola deve trabalhar essas questões com seus alunos. Esta questão, se não for bem trabalhada na escola, pode contribuir para o fracasso escolar dos alunos, fazendo com que as crianças falantes de variedades não padrão se sintam inferiores e abandonem a escola. (BORTINI-RICARDO, 2004).

Parte-se do conhecimento que a criança tem da língua oral, pois ao entrar na escola, e mesmo antes, ela já é capaz de comunicar-se verbalmente para expressar suas ideias e sentimentos, fazer pedidos ou perguntas, contar casos, reclamar, etc. (CARVALHO, 2011, p.39).

## 5. ALFABETIZAR LETRANDO COM GÊNEROS TEXTUAIS.

“A escrita deve ter significado para as crianças, deve ser incorporada a uma tarefa necessária e relevante para a vida.” (Emília Ferreiro).

Os gêneros textuais surgem exatamente desta relação escrita/oralidade, como enfatizou Marcuschi (2010), dizendo que “Inevitáveis relações entre escrita e contexto devem existir fazendo surgir gêneros textuais e formas comunicativas, bem como terminologias e expressões típicas” (p.19).

Os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), foram resultado de longos debates e trabalhos de Especialistas da Educação, Instituições e também outros profissionais de diversas áreas. O PCN foi publicado em 1997 pelo MEC (Ministério da Educação).

O objetivo desses Parâmetros é apoiar os professores, ele traz em seu texto ideias e propostas que podem no ajudar o trabalho do professor. A intenção é propiciar aos educandos um desenvolvimento integral, em que, os alunos “[...] dominem os conhecimentos de que necessitam para crescerem como cidadãos plenamente reconhecidos e conscientes de seu papel em nossa sociedade”. (Brasil, 1997, p.4).

Para o primeiro ciclo espera-se que os alunos consigam:

- Ler textos de gêneros previstos para o ciclo, como: contos, mitos e lendas populares; poemas canções, parlendas, piadas, instruções, relatos, notícias, entre outros.
- Produzir textos coesos e coerentes, começando a identificar o gênero, além de escrever gêneros adequados para o ciclo, observando a ortografia, como: receitas, listas, rótulos, calendários, cartas, bilhetes, convites, diários, revista, cordel, fábulas, etc.

E importante que no primeiro ciclo, os alunos leiam diferentes textos. O professor deve oferecer um ambiente rico em gêneros textuais aos alunos, instigar a curiosidade e despertar o prazer por essas diferentes literaturas. (CARVALHO , 2011).

Para o segundo ciclo, espera-se que os alunos consigam:

- Reconhecer características dos gêneros textuais, em que, se considere o contexto, a intencionalidade explícita e implícita, a função e o significado textual.
- Os gêneros para esse ciclo são: contos, mitos, lendas populares, poemas, canções, parlendas, piadas, provérbios, relatos, entrevistas, debates, convites, textos teatrais, estatutos, declaração de direitos, etc.

Os PCNs enfatizam a importância do domínio da linguagem oral e escrita, para se ter acesso a informação e para se comunicar. Portanto a escola tem a responsabilidade de garantir aos alunos acesso a linguagem em seus mais diferentes, níveis e aspectos. “Por isso, ao ensiná-la, a escola tem a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos”. (BRASIL, 1997, p.15).

Se lhes forem dadas as oportunidades e os meios, crianças de qualquer condição social serão capazes de desenhar, dramatizar, modelar, ler, escrever, e contar, tanto quanto foram capazes de aprender a falar e a brincar. Sua grande dificuldade na escola é não terem condições sociais e materiais para desenvolver suas capacidades. ( CARVALHO, 2011, p.62)

O professor deve considerar todas as possibilidades de produção textual, em que, este deve enfatizar a importância fundamental da relação entre língua (oral e escrita), produção (diferentes gêneros) e leitura (diversificados textos). Deve-se considerar a língua (em seus variados aspectos), como algo, com significados históricos, sociais, culturais e pessoais.

A linguagem é uma forma de ação interindividual orientada por uma finalidade específica; um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes nos diferentes grupos de uma sociedade, nos distintos momentos da sua história. (BRASIL, 1997, p.22).

O objetivo da escola seria garantir a apropriação pelos alunos das práticas de linguagem intauradas na sociedade para que eles possam ter participação social efetiva. (BRASIL, 2012, p.6).



Os PCNs nos traz que os gêneros são determinados historicamente, a intenção que o textos traz, do que ele que dizer, geram usos sociais que determinam e caracterizam cada gênero textual, por exemplo: “Era uma vez”, por conhecer o gênero que traz essa frase, já sabe-se que está diante de um conto. Os usos que fazemos da linguagem e dos diversos gêneros textuais que temos a nossa disposição dependem de cada momento de nossas vidas, e também, das demandas impostas pela sociedade. (BRASIL, 1997).

O PNAIC assim como os PCNs destaca a importância de se trabalhar com foco nos gêneros textuais, o que leva o aluno ir além de suas vivências cotidianas. “É necessário um trabalho progressivo e aprofundado com gêneros textuais orais e escritos, envolvendo situações em que essa exploração faça sentido”. (BRASIL, 2012, p.7).

O trabalho com gêneros textuais facilita ao ensino e aprendizado, uma melhor apropriação dos usos da língua, e a escola deve garantir isso a seus alunos, uma continua exploração à diversidade de gêneros textuais de forma progressiva, para que aja aprofundamento em cada gênero, e se alcancem os objetivos didáticos. (BRASIL, 2012).

Para realizar esse trabalho progressivo com os gêneros, o professor precisa conhecer bem quais habilidades os seus alunos já possuem e estabelecer quais são aquelas almeçadas (perfil de entrada e perfil de saída esperado para aquele ano). Então diagnosticar sempre deve ser sua primeira ação. (BRASIL, 2012, p.7).

Devemos deixar a criança ter dúvida, errar, escrever do “jeito” dela, descobrir e questionar. É com isso, que ela vai construir e dar significado ao processo de escrita e ao uso da fala formal, em ambientes que exijam a mesma. (CARVALHO, 2011).

Desafie a criança a pensar sobre a escrita e pense você também. Quando elas estiverem escrevendo, deixe-as perguntar e pedir ajuda ao colega. Não se apavore se uma criança estiver comendo letra: até hoje não houve caso de indigestão alfabética. [...] Invente sua própria cartilha [...]. (CARVALHO, 2001, p. 133) Ao mesmo tempo em que o professor ensina o aluno e ele aprende, o processo inverso acontece, e uma ida e vinda de ensinamentos e aprendizados.

Entretanto as crianças também aprendem muito uma com as outras.

## 6. A PSICOGÊNESE DA ESCRITA

“Um dos maiores danos que se pode causar a uma criança é levá-la a perder a confiança na sua própria capacidade de pensar” (Emilia Ferreiro)

Atualmente, as escolas brasileiras consideram em seus processos de alfabetização o estudo realizado por Emilia Ferreiro (1980), que é uma psicolinguística argentina, que há 30 anos têm influenciado na Educação do Brasil. Uma das suas principais obras é a *Psicogênese da Língua Escrita* que revelou os processos de aprendizagem de crianças. Emilia Ferreiro é ligada ao construtivismo de Jean Piaget, em que, ela foca nos mecanismos cognitivos que são relacionados à leitura e a escrita. Ferreiro destaca que a criança é um ser ativo na construção de seu conhecimento e da sua aprendizagem, e neste sentido que usamos o termo construtivismo. (NOVA ESCOLA, 2012)

Segundo Emilia Ferreiro, a alfabetização é uma forma de se apropriar das funções sociais da escrita.

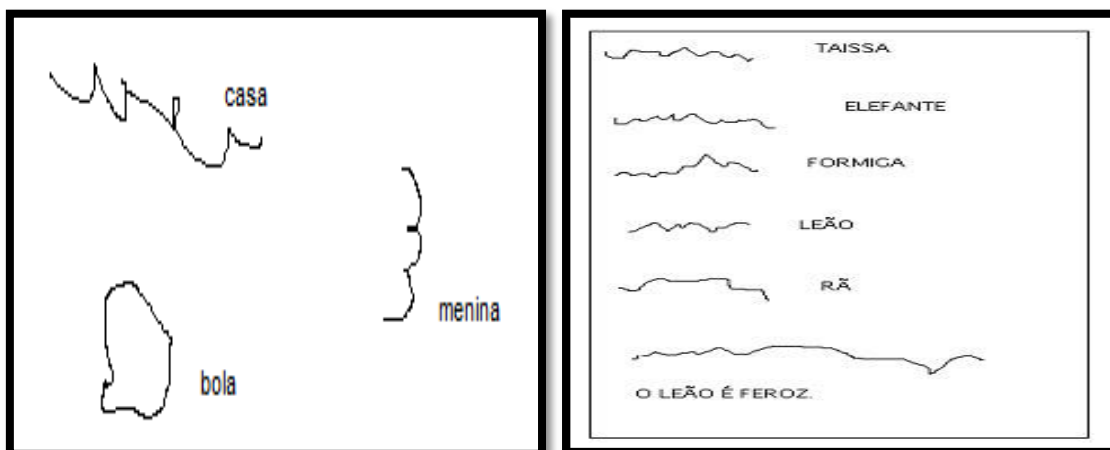
O desempenho das crianças, considerando as diferentes classes sociais, não revela que uma criança sabe mais que a outra, ou que estas têm capacidades desiguais, mas o acesso maior ou menor a textos lidos e escritos desde o nascimento. (FERREIRO, 1994, p.17).

A leitura e a escrita acontecem antes da escolarização, em que, as crianças aprendem sozinhas e sem autorização. Antigamente, como destaca Ferreiro (1994), as primeiras tentativas de escrever das crianças pequenas eram consideradas meras garatujas, (marcas gráficas, feitas ao “acaso”), mas para essas garatujas ocorrerem, a criança utiliza tipos de atividades cognitivas. Essas garatujas antes não eram consideradas escrita, pois para ser escrita, deveria ser escrita exatamente com as letras convencionais bem traçadas.

É a partir das produções espontâneas que as crianças fazem, que elas exploram e compreendem o nosso sistema de escrita. A criança escreve da forma que ela acredita que deve ser escrito um conjunto de palavras, essa escrita infantil como já foi dito, é a garatuja, resultado de “fazer como se soubesse escrever”.

As primeiras escritas infantis aparecem do ponto de vista gráfico, como linhas onduladas ou quebradas (ziguezaque), contínuas ou fragmentadas, ou então como uma série de elementos discretos repetidos (série de linhas verticais ou de bolinhas). (FERREIRO, 1994, p.18).

**Figura 5 e 6: Garatuja**



Fonte:Disponível

em:

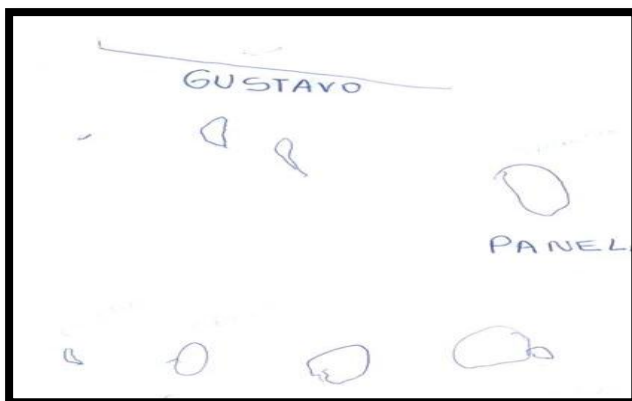
<<https://www.google.com.br/search?q=psicogenese+da+escrita&tbm=isch&tbo=>> Acesso em: 20 de out, 2013 .20:32.

É a partir desse “como se soubesse escrever”, que Ferreiro enfatiza “[...] saber quer dizer ter construído alguma concepção que explica certo conjunto de fenômenos ou objetos da realidade” (Ferreiro, 1994, p.17). O saber da criança nós faz refletir sobre aspectos fundamentais da evolução psicogenética, que podem ser distinguidos em 3 grandes períodos, que podem ser subdivididos. São eles:

**1º) Pré - Silábico:** distinção entre o modo de representação icônico e o não icônico.

É o processo de diferenciação entre as marcas gráficas figurativas e não figurativas, ou seja, é a constituição da escrita como objeto substituto do “desenho”. A criança ao desenhar ela está no domínio icônico, quando ela escreve está fora do Icônico. “[...] a distinção entre “desenhar” e “escrever” é de fundamental importância” (Ferreiro, 1994, p.19).

**Figura 7: Período pré-silábico**



Fonte:Disponível

em:

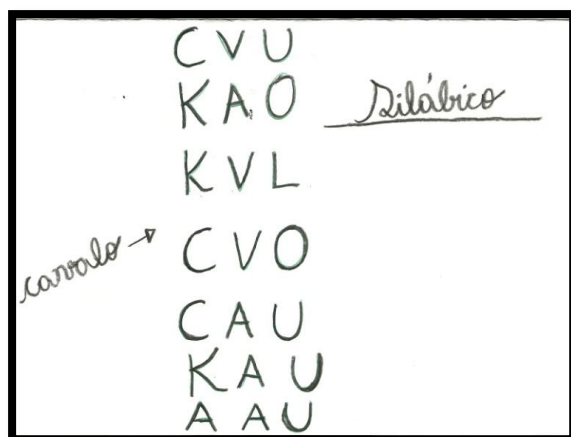
<<https://www.google.com.br/search?q=pre+silabico%5D&tbm=isch&tbo=u&source=3B194>>

Acesso em: 22 de out, 2013 .16:45.

**2º) Silábico:** construção de formas de diferenciação (controle progressivo das variações sobre os eixos qualitativos e quantitativos).

É o esforço intelectual que as crianças fazem para diferenciar a escrita do desenho, que caracteriza este período. Essa diferenciação no início do processo são intrafigurais (o que o texto deve ter para ser interpretado), o que se expressa pelo eixo quantitativo, que é a quantidade mínima de letras que devem ser escritas para se dizer algo, geralmente as crianças consideram 3 letras, e também pelo eixo qualitativo, que é a variação necessária de letras para que se possa interpretar a palavra.

Após essas descobertas a criança deve fazer uma nova diferenciação que é a interfigurais, que é a diferenciação entre uma escrita e a seguinte, no eixo quantitativo a criança varia a quantidade de letras de uma escrita para a outra, já no eixo qualitativo se varia o repertório de letras, a posição da mesma letra sem modificar a quantidade. A criança para compreender esses dois eixos, ela vai construindo o domínio da sua atividade cognitiva, para entender o sistema de escrita.

**Figura 8: Período silábico**

Fonte: Disponível em:  
 <<https://www.google.com.br/search?q=pre+silabico%5D&tbm=isch&tbo=u&source=3B194>>  
 Acesso em: 22 de out, 2013 .16:50.

**3º) Silábico – alfabético** : é o período alfabético a fonetização da escrita (que se inicia com um período silábico e culmina no período alfabético).

A criança nos dois períodos anteriores começa a ter atenção nas propriedades sonoras do significante, que o faz ingressar neste terceiro período, em que, a criança descobre que as partes da escrita (letras), podem corresponder a outras partes da palavra (sílabas).

Eixo quantitativo – a criança descobre que a quantidade de letras pode corresponder a sua emissão oral, (período silábico), que é quando a criança escreve uma sílaba por letra, sem omitir sílabas e sem repetir letras.

Eixo qualitativo – a criança descobre que as letras adquirem valores sonoros (silábicos), que começam a exprimir por letras semelhantes.

**Figura 9: Silábico-Alfabético**

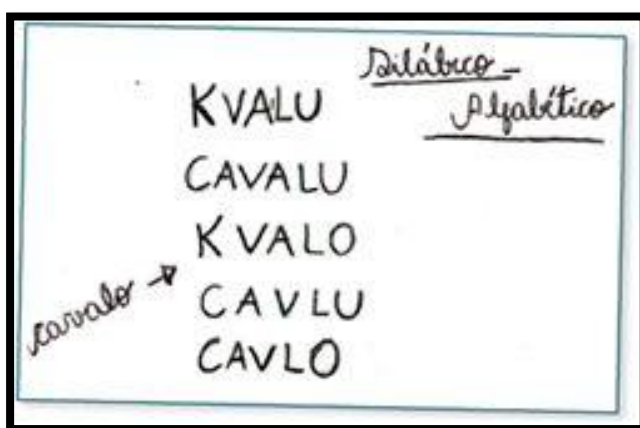
Fonte:Disponível

em:

<<https://www.google.com.br/search?q=pre+silabico%5D&tbm=isch&tbo=u&source=3B194>>

Acesso em: 22 de out, 2013 .17:05.

O período alfabético ocorre quando a criança descobre que a sílaba não pode ser considerada como uma unidade. No eixo quantitativo não se pode duplicar a quantidade de letras por sílaba, já no eixo qualitativo, a criança terá dificuldade com a ortografia ( a identidade de som não garante a identidade de letras e vice versa).

**Figura 10: Silábico - Alfabético (Alfabético)**

Fonte:

Disponível

em:

<<https://www.google.com.br/search?q=pre+silabico%5D&tbm=isch&tbo=u&source=3B194>>

Acesso em: 22 de out, 2013 .16:45.

## **CAPÍTULO II – METODOLOGIA**

### **1. Sobre a metodologia da pesquisa**

Nesta pesquisa será acompanhado o desenvolvimento e apropriação da escrita de alunos do 2º ano do ensino fundamental. Foram realizadas duas atividades de produção escrita, com intuito de se observar fenômenos vindos da fala que são encontrados na escrita, assim, como fenômenos da falta de domínio do sistema ortográfico da Língua Portuguesa.

Os alunos são estudantes da Escola Classe 66 do Sol Nascente, na Ceilândia. Foram pedidos para eles realizarem duas atividades, a saber:

Primeira: A escrita de um texto sobre a família, acompanhado de um desenho.

Segunda: Escrita de palavras soltas, de acordo com a figura do objeto apresentado.

Esses fenômenos serão analisados no decorrer da pesquisa, utilizando como base as teorias da sociolinguística educacional de Stella Maris Bortoni- Ricardo e a Psicogênese da escrita de Emilia Ferreiro, levando-se em consideração na análise que se trata de crianças em processo de alfabetização.

### **2. Sobre a pesquisa**

A escolha pelo tema foi com o intuito de se observar e analisar estes fenômenos (erros na escrita), na prática, ou seja, através das redações das crianças que estejam passando por esse processo de aprendizagem. Pela sua diversidade de usos a língua oral é alvo de muitos preconceitos por parte daqueles que aspiram uma língua pura, e é por isso, que a abordagem desse tema é importante, para confirmar que não existe língua superior ou inferior a outra, mas sim dialetos diferentes, devido, a uma imensa mistura do povo brasileiro.

Esta pesquisa é qualitativa, por que busca interpretar o que não está explícito nos textos das crianças. Este tipo de pesquisa permite ao pesquisador acompanhar cada momento, observar cada detalhe, para depois fazer análise. O interessante nesta abordagem é o processo, e ver o passo a passo.



O objetivo deste tipo de pesquisa segundo Bortoni-Ricardo (2008) é:

O objetivo da pesquisa qualitativa em sala de aula, em especial a etnografia, é o desvelamento do que está dentro da “caixa preta” no dia-a-dia dos ambientes escolares, identificando processos que, por serem rotineiros, tornam-se “invisíveis” para os atores que deles participam. (BORTONI-RICARDO, 2008, p.49).

A pesquisa qualitativa voltada para o trabalho pedagógico analisa o processo como importante e não apenas o produto, neste caso, a análise será feita nas produções escritas de crianças do 2º ano, que transferem para a escrita a maneira como falam, e isso muitas vezes passa despercebido pelo professor.

O objetivo da pesquisa é: Observar em textos escritos de crianças alfabetizanda como os fenômenos da fala aparecem na escrita.

### **3. Instrumentos de coleta de dados**

Os dados foram coletados em um encontro, com duração de 02h30min h, na escola classe 66 do Sol Nascente, na Ceilândia. Essas crianças estão no início do processo de alfabetização, e por isso foram organizadas 2 atividades, na primeira foram selecionados doze desenhos para que elas escrevessem os nomes (não houve muita dificuldade), e a segunda elas teriam que fazer um desenho de suas famílias e em seguida escrever um texto sobre a mesma, (houve mais dificuldade para realizar essas atividade, porque muitos diziam que não sabiam escrever).

### **4. Perfil da pesquisadora**

A pesquisadora deste trabalho têm 21 anos, mora em Taguatinga é estudante de Pedagogia da UnB. O tema foi escolhido considerando o interesse da pesquisadora pelas questões voltadas para a alfabetização, especialmente no que diz respeito aos aspectos da influência da fala sobre a escrita.

### **5. Perfil dos colaboradores da pesquisa**

Crianças de 6, 7 e 8 anos do 2º ano do ensino fundamental de uma escola pública localizada no Sol Nascente em Ceilândia. São crianças de classe média baixa e classe baixa.

## CAPÍTULO III – ANÁLISE DOS DADOS

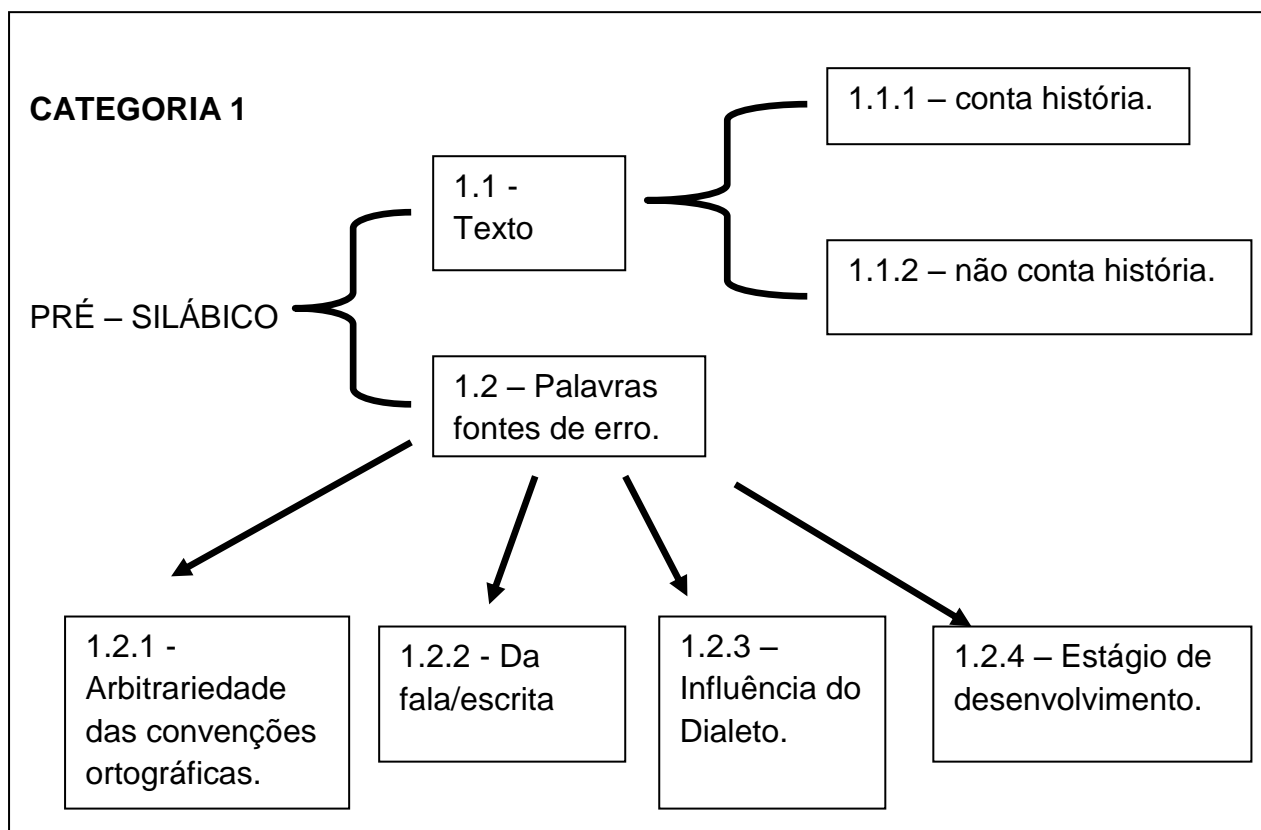
Neste momento será feita a análise de duas atividades para observar qual a fonte dos erros que as crianças, sujeitos colaboradores desta pesquisa, estão cometendo na escrita. A primeira atividade é a escrita de um texto e a segunda é a escrita de palavras soltas. Os fenômenos serão analisados no decorrer da pesquisa, utilizando como base as teorias da sociolinguística educacional (Bortoni-Ricardo) e da Psicogênese da escrita (Ferreiro), levando-se em consideração que se trata de crianças em processo de alfabetização.

### **Como a análise foi feita**

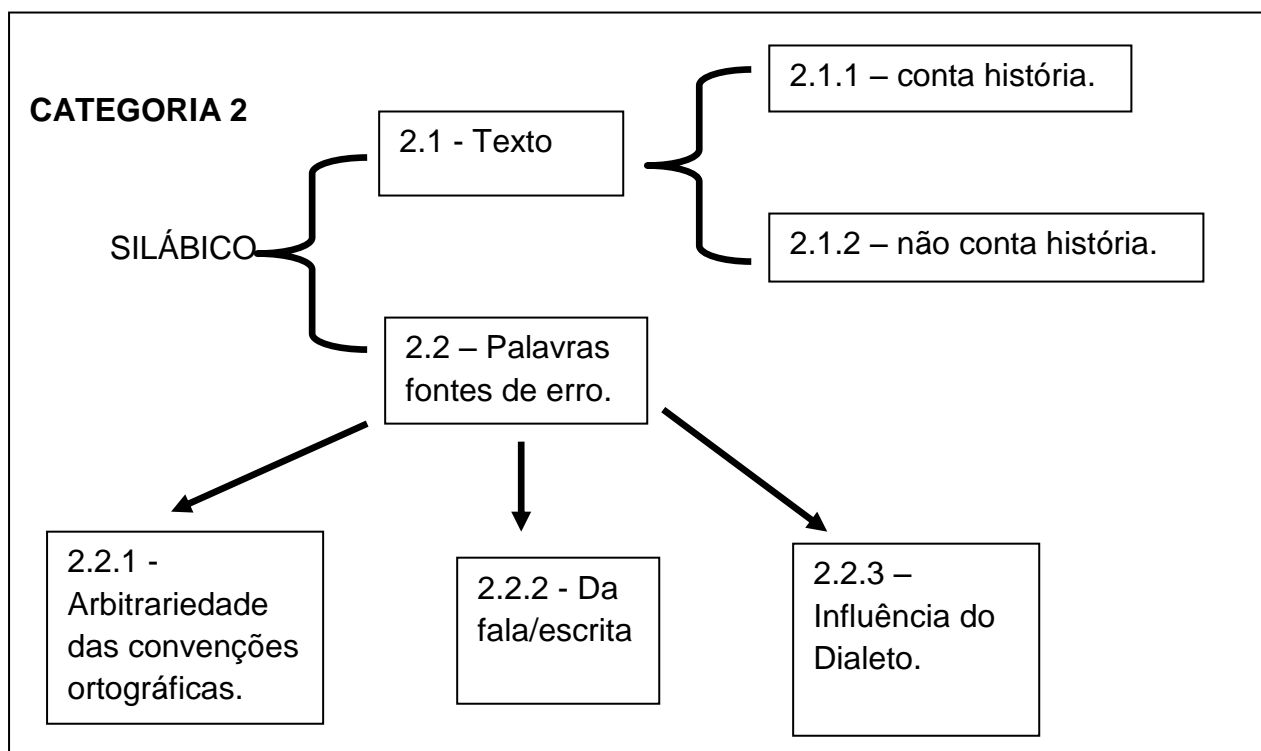
Foram criadas 4 categorias com os níveis da psicogênese da escrita:

- Pré-silábico
  - Silábico
  - Silábico alfabético
  - Alfabético.
- 1) Nestas categorias se analisou o texto, se a criança consegue contar ou não uma história, e quais são os maiores erros cometidos nos textos, é o que explica a ocorrência desses erros.
  - 2) E as fontes de erros das palavras soltas, analisadas em 3 categorias:
    - Arbitrariedade das convenções ortográficas
    - Da fala/escrita
    - Dialeto
  - 3) Observamos também a quantidade de acertos de cada aluno.

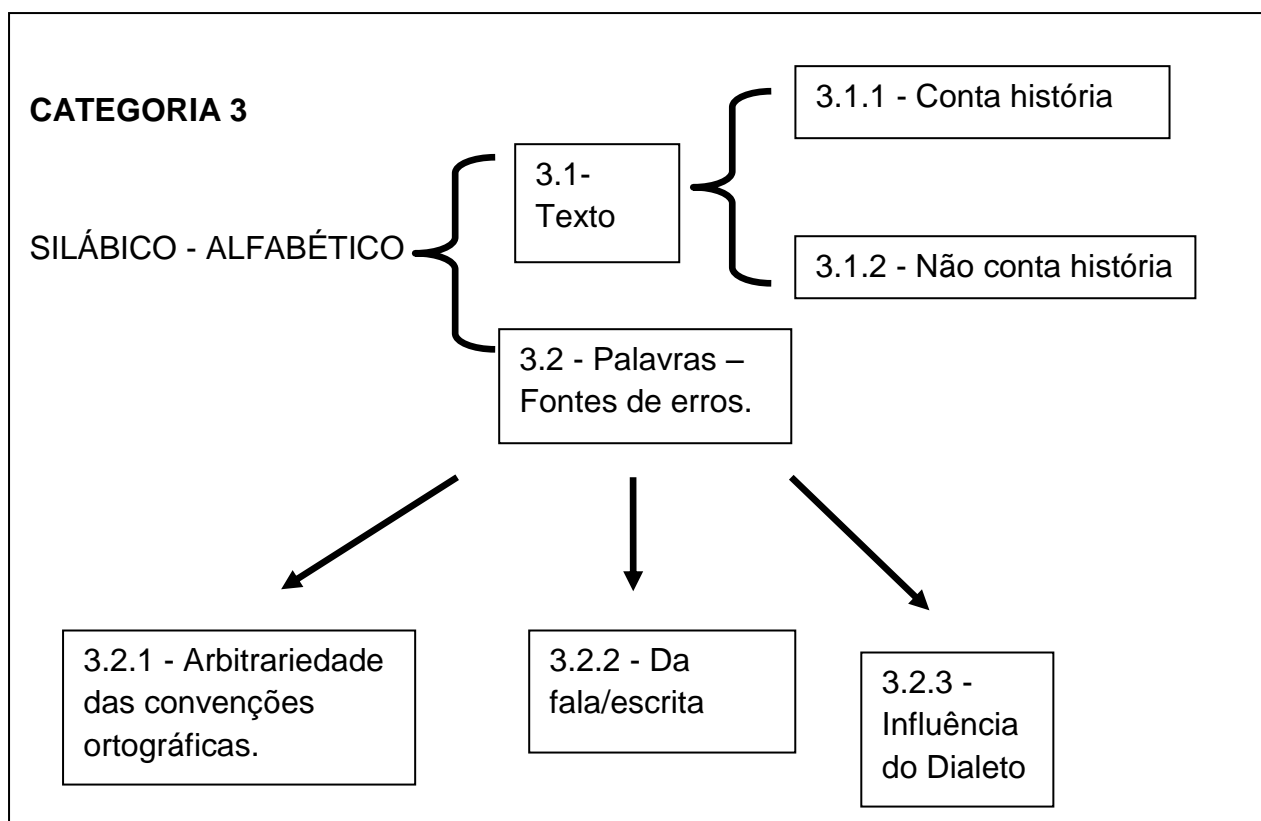
A explicação de como foi feita a análise pode ser mais bem compreendida nas figuras abaixo.



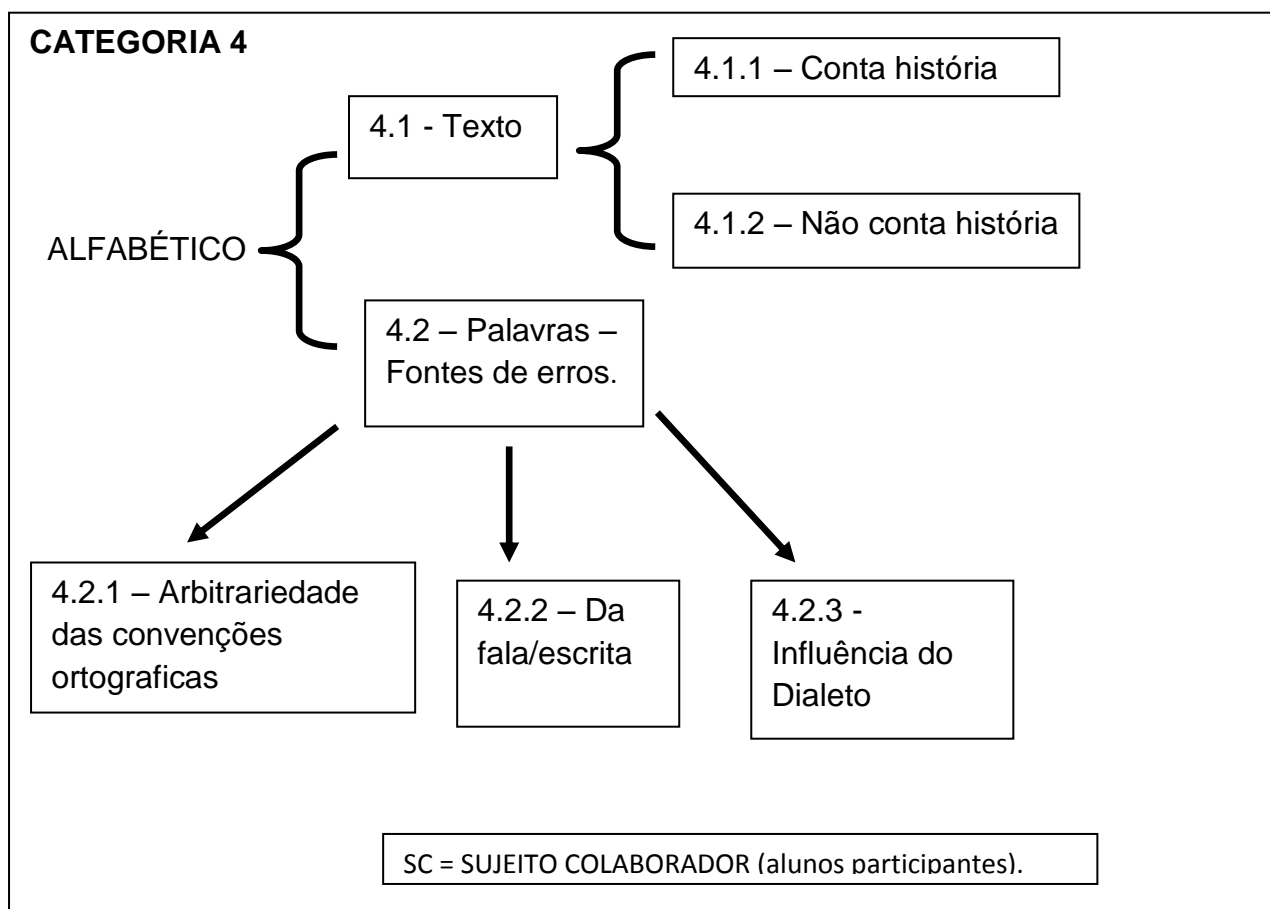
**Figura 11:** Representação de como foi feita a análise - Fonte: Criação própria



**Figura 12:** Representação de como foi feita a análise - Fonte: Criação própria



**Figura 13 :** Representação de como foi feita a análise – Fonte: Criação Própria



**Figura 14:** Representação de como foi feita a análise - Fonte: Criação própria

## ANÁLISES

### SC 1- Categoria 1 – Pré - Silábico.

- 1) Texto: O aluno não consegue desenvolver um texto, não tem noção de fronteira de palavra, ele apenas junta as letras sem conseguir formar palavras. Ele escreve as palavras de um jeito próprio.
- 2) Palavras – Fontes de erros:  
 Estágio de desenvolvimento: COATOE A, IOME O, PIMAE, PIOIOE, BOMARO, OTOTOEL, OÃOLETO, ORCOUOLEOR, MIOTOL, EORLOTEA, GOTOE, OIOIZOZ. (escrita oriunda do estágio de desenvolvimento da criança).  
 Arbitrariedade das convenções ortográficas: não há.  
 Da fala/escrita: não há.  
 Influência do Dialeto: não há.  
 Acertos : não há.
- 3) Comentário: Na teoria da psicogênese da escrita de (FERREIRO, 1994), o SC1 está no nível pré - silábico. Observamos que no material coletado que, de 12 palavras produzidas por ele na atividade 2, ele não acertou nenhuma . Na palavra GATO ele escreveu *gatoe*, se não tivesse acrescentado o *E*, ele teria acertado uma palavra.

### SC 2- Categoria 2 – Silábico

- 1) Texto: O aluno não consegue desenvolver um texto, ele apenas junta as letras sem conseguir formar palavras.
- 2) Palavras – Fontes de erros:  
 CATA, HAIIO, NAIRO, IARIA, BALIO, IKOIA, CIA,CATA, AXA.  
 (palavras que não se encaixam nas categorias abaixo)  
 Arbitrariedade das convenções ortográficas: KARO, AVA, GATO (g invertido).  
 Da fala/escrita: não há.  
 Influência do Dialeto: não há.  
 Acertos : não há.
- 3) Comentário: Na teoria da psicogênese da escrita de (FERREIRO, 1994), o SC2 está no nível silábico. Observamos que no material coletado que, de 12 palavras

produzidas por ele na atividade 2, ele não acertou nenhuma . Na palavra GATO ele escreveu *gato*, entretanto com o *G* invertido, e escreveu *cata* para CASA e CACHORRO.

### SC 3 - Categoria 2 – Silábico.

- 1) Texto: O aluno não consegue desenvolver um texto, ele apenas junta as letras sem conseguir formar palavras. Entretanto escreve três nomes, provavelmente de seus familiares (da mãe, pai, e o dela), *Zezinho* (com o *Z* invertido), *Mirella e Thais*.
- 2) Palavras – Fontes de erros:  
AÍSRCA, ÍSAT, ÍOAÍS, ÍSEA, BAEÍA, AVÍOA, ÍAEÃO, DEÍ, CAOCA, GÍO, UÍA. (palavras que não se encaixam nas categorias abaixo)  
Arbitrariade das convenções ortográficas: CARRE  
Da fala/escrita: não há.  
Influência do Dialeto: não há.  
Acertos : não há.
- 3) Comentário: Na teoria da psicogênese da escrita de (FERREIRO, 1994), o SC3 está no nível silábico . Observamos que no material coletado que, de 12 palavras produzidas por ele na atividade 2, ele não acertou nenhuma . Na palavra CARRO ele escreveu *carre*, trocando o *O* por *E*. Nota-se que na maioria das palavras escritas, o aluno coloca acento agudo nas letras *I*.

### SC 4- Categoria 2 – Silábico.

- 1) Texto: O aluno não consegue desenvolver um texto, não tem noção de fronteira de palavra, ele apenas junta as letras sem conseguir formar palavras.
- 2) Palavras – Fontes de erros:  
CAMO, MICOEMS, CIAMCRV, MCRIOA, RAVCOMA, ROMES, AEVI, ELBOCA, PANAACO, COPORA, CORA, MACO. (palavras que não se encaixam nas categorias abaixo)  
Arbitrariade das convenções ortográficas: não há.  
Da fala/escrita: não há.  
Influência do Dialeto: não há.  
Acertos : não há.

- 3) Comentário: Na teoria da psicogênese da escrita de (FERREIRO, 1994), o SC4 está no nível silábico. Observamos que no material coletado que, de 12 palavras produzidas por ele na atividade 2, ele não acertou nenhuma .

**SC 5-** Categoria 3 – Silábico - alfabético.

- 1) Texto: O aluno não consegue desenvolver um texto, ele apenas junta as letras sem conseguir formar palavras.
- 2) Palavras – Fontes de erros:  
Arbitrariedade das convenções ortográficas: CACE, IHOPAPE, EININI, BCIGETA, BOBOMETA, CARO, AOVOI, FQUDO, COECO, CACHCO, CUDADO  
Da fala/escrita: não há.  
Influência do Dialeto: não há.  
Acertos : GATO.
- 3) Comentário: Na teoria da psicogênese da escrita de (FERREIRO, 1994), o SC5 está no nível silábico - alfabético. Observamos que no material coletado que, de 12 palavras produzidas por ele na atividade 2, ele acertou uma palavra. Observa-se a maior produtividade de erros ortográficos são oriundos da falta de domínio das regras ortográficas.

**SC 6 -** Categoria 4 – alfabético.

- 1) Texto: A aluna não tem noção de fronteira de palavras, muito embora tente contar uma história. Comete erros ortográficos oriundos da falta de domínio pela arbitrariedade das regras do sistema ortográfico do português.
- 2) Palavras – Fontes de erros:  
Arbitrariedade das convenções ortográficas: CAZA, IPOPOTA, BINIESTA, BOBOLETA, CARO, AVI, DUNECA, CUERO, CAXORO, SOUDADO.  
Da fala/escrita: MININO.  
Influência do Dialeto: não há.  
Acertos : GATA
- 3) Comentário: Na teoria da psicogênese da escrita de (FERREIRO,1994), o SC6 está no nível alfabético. Entretanto observamos que no material coletado que, de 12 palavras produzidas por ele na atividade 2, ele somente acertou 1.

Observa-se a maior produtividade de erros ortográficos são oriundos da falta de domínio das regras ortográficas.

**SC 7-** Categoria 4 – alfabético.

- 1) Texto: O aluno não consegue desenvolver um texto, ou seja, contar uma história, tudo o que conseguiu foi escrever uma única linha. Entretanto é importante destacar que nesta única linha ele comunica que sua família é separada, o que fica evidente no desenho em que ele passa um traço vertical separando as pessoas de sua família.
- 2) Palavras – Fontes de erros:  
Arbitrariade das convenções ortográficas: IPOPOTA, BISICRETA, AVORE, BRIQUEDO, CACHORO, SOUDADO.  
Da fala/escrita: MININO  
Influência do Dialeto: não há.  
Acertos : CASA, BORBOLETA, CARRO, COELHO, GATA.
- 3) Comentário: Na teoria da psicogênese da escrita de (FERREIRO, 1994), o SC7 está no nível alfabético. Observamos que no material coletado que, de 12 palavras produzidas por ele na atividade 2, ele acertou 5. Observa-se a maior produtividade de erros ortográficos são oriundos da falta de domínio das regras ortográficas.

**SC 8 -** Categoria 4 – alfabético.

- 1) Texto: O aluno não consegue desenvolver um texto que conte uma história, porém escreve cinco frases uma para cada membro de sua família. Comete erros ortográficos oriundos da falta de domínio pela arbitrariedade das regras do sistema ortográfico do português.
- 2) Palavras – Fontes de erros:  
Arbitrariade das convenções ortográficas: BISICLETA, BOBORLETA, BRIQUEDO, ÇOLDADO.  
Da fala/escrita: não há.  
Influência do Dialeto: não há.  
Acertos : CASA, HIPOPOTAMO, MENINO, CARRO, ARVORE, COELHO, CÃO, GATA.



- 3) Comentário: Na teoria da psicogênese da escrita de (FERREIRO, 1994), o SC8 está no nível alfabético. Observamos que no material coletado que, de 12 palavras produzidas por ele na atividade 2, ele acertou 8. Observa-se a maior produtividade de erros ortográficos são oriundos da falta de domínio das regras ortográficas. Há duas questões interessantes na escrita deste aluno. A primeira é na palavra **Cão**, ele é o único que não escreve cachorro. A segunda é na palavra **Çoldado**, nota-se que ele acerta o **l** (que geralmente é trocado por **U**), porém escreve o **Ç** no lugar do **S**, o que nós faz perceber que ele ainda não sabe que no português não há nenhuma palavra que inicie com **Ç**, **SS** ou **RR**. O aluno acerta as palavras que são acentuadas, porém sem colocar o acento, isso ocorre por falta de domínio das regras de acento.

#### SC 9 - Categoria 4 – alfabético.

- 1) Texto: O aluno desenvolve um pequeno texto que conta uma história em duas linhas. Comete erros ortográficos oriundos da falta de domínio pela arbitrariedade das regras do sistema ortográfico do português.
- 2) Palavras – Fontes de erros:  
Arbitrariedade das convenções ortográficas: IPOPOTAMO, BISICLETA, CARO, ARAVRI, BRINIQEDO, COELO, CAXORO, JENERAU.  
Da fala/escrita: não há.  
Influência do Dialeto: não há.  
Acertos : CASA, MENINO, BORBOLETA, GATO.
- 3) Comentário: Na teoria da psicogênese da escrita de (FERREIRO, 1994), o SC9 está no nível alfabético. Observamos que no material coletado que, de 12 palavras produzidas por ele na atividade 2, ele acertou 4. Observa-se a maior produtividade de erros ortográficos são oriundos da falta de domínio das regras ortográficas. Percebe-se que o aluno foi o único que não escreveu SOLDADO, e sim **jeneral**.

#### SC 10 - Categoria 4 – alfabético.

- 1) Texto: O aluno desenvolve um pequeno texto que conta uma história em duas linhas. Comete erros ortográficos oriundos da falta de domínio pela arbitrariedade das regras do sistema ortográfico do português.

## 2) Palavras – Fontes de erros:

Arbitrariedade das convenções ortográficas: IPOPOTAMO, BISICLETA, AVORRE, BRIQUEDO, SODADO.

Da fala/escrita: não há.

Influência do Dialeto: não há.

Acertos: CASA, MENINO, BORBOLETA, CARRO, COELHO, CACHORRO, GATA.

## 3) Comentário: Na teoria da psicogênese da escrita de (FERREIRO, 1994), o SC10 está no nível alfabético. Observamos que no material coletado que, de 12 palavras prosuzidas por ele na atividade 2, ele acertou 7. Observa-se a maior produtividade de erros ortográficos são oriundos da falta de domínio das regras ortográficas.

**SC 11-** Categoria 4 – alfabético.

## 1) Texto: O aluno desenvolve um pequeno texto que conta uma história em três linhas, falando um pouco de cada pessoa de sua família. Comete erros ortográficos oriundos da falta de domínio pela arbitrariedade das regras do sistema ortográfico do português.

## 2) Palavras – Fontes de erros:

Arbitrariedade das convenções ortográficas: MUNINO, BISICLETA, BRIDO, CACHORO.

Da fala/escrita: CUELHO, SOUDADO.

Influência do Dialeto: não há.

Acertos: CASA, HIPOPÓTAMO, BORBOLETA, CARRO, ÁRVORE, GATINHA.

## 3) Comentário: Na teoria da psicogênese da escrita de (FERREIRO, 1994), o SC11 está no nível alfabético. Observamos que no material coletado que, de 12 palavras produzidas por ele na atividade 2, ele acertou 6. Observa-se a maior produtividade de erros ortográficos são oriundos da falta de domínio das regras ortográficas. Nota-se que o aluno ao invés de escrever GATA, escreve GATINHA no diminutivo. O aluno acerta as palavras que são acentuadas, porém sem colocar o acento, isso ocorre por falta de domínio das regras de acento.

**SC 12** - Categoria 4 – alfabético.

- 1) Texto: O aluno desenvolve um pequeno texto que conta uma história em três linhas, falando coisas que ele mesmo gosta de fazer. Comete erros ortográficos oriundos da falta de domínio pela arbitrariedade das regras do sistema ortográfico do português.
- 2) Palavras – Fontes de erros:  
Arbitrariedade das convenções ortográficas: BISICMETA, BRINCEDO, CACHORO, ERSesito.  
Da fala/escrita: MININO  
Influência do Dialeto: não há.  
Acertos: CASA, HIPOPOTAMO, BORBOLETA, CARRO, ARVORE, COELHO, GATO.
- 3) Comentário: Na teoria da psicogênese da escrita de (FERREIRO, 1994), o SC12 está no nível alfabético. Observamos que no material coletado que, de 12 palavras produzidas por ele na atividade 2, ele acertou 6. Observa-se a maior produtividade de erros ortográficos são oriundos da falta de domínio das regras ortográficas. Percebe-se que o aluno escreve *ersesito* (exército), no lugar da palavra SOLDADO. O aluno acerta as palavras que são acentuadas, porém sem colocar o acento, isso ocorre por falta de domínio das regras de acento.

**SC 13** - Categoria 4 – alfabético.

- 1) Texto: O aluno desenvolve um pequeno texto que conta uma história em três linhas. Comete erros ortográficos oriundos da falta de domínio pela arbitrariedade das regras do sistema ortográfico do português.
- 2) Palavras – Fontes de erros:  
Arbitrariedade das convenções ortográficas: IPOPOTAMU, VOBOLETA, AVORE, BRIQDOS, CAXORO, SODADO.  
Da fala/escrita: CUELHO.  
Influência do Dialeto: não há.  
Acertos : CASA, MENINO, BICICLETA, CARROS, GATA.

- 3) Comentário: Na teoria da psicogênese da escrita de (FERREIRO, 1994), o SC13 está no nível alfabético. Observamos que no material coletado que, de 12 palavras produzidas por ele na atividade 2, ele acertou 5. Observa-se a maior produtividade de erros ortográficos são oriundos da falta de domínio das regras ortográficas. Percebe-se que o aluno escreve *carros* no plural, mesmo a figura mostrando apenas um.

**SC 14** - Categoria 4 – alfabético.

- 1) Texto: O aluno desenvolve um texto que conta uma história, porém repete duas vezes uma mesma frase, para depois escrever uma nova frase. Comete erros ortográficos oriundos da falta de domínio pela arbitrariedade das regras do sistema ortográfico do português.
- 2) Palavras – Fontes de erros:  
 Arbitrariedade das convenções ortográficas: YIPOPOTAM, BISICLETA, BRINCEDOS, CAHORRO.  
 Da fala/escrita: ARVORI, SALDADO.  
 Influência do Dialeto: não há.  
 Acertos : CASA, MENINO, BORBOLETA, CARRO, COELHO, GATO.
- 3) Comentário: Na teoria da psicogênese da escrita de (FERREIRO, 1994), o SC14 está no nível alfabético. Observamos que no material coletado que, de 12 palavras produzidas por ele na atividade 2, ele acertou 6. Observa-se a maior produtividade de erros ortográficos são oriundos da falta de domínio das regras ortográficas.

**SC 15** - Categoria 4 – alfabético.

- 1) Texto: O aluno desenvolve um texto que conta uma história. Comete erros ortográficos oriundos da falta de domínio pela arbitrariedade das regras do sistema ortográfico do português. O interessante no texto deste aluno é que ele conta a história desde quando ele estava na barriga da mãe.
- 2) Palavras – Fontes de erros:  
 Arbitrariedade das convenções ortográficas: IPOPOTAMO, BISICLETA, BOBOLETA, CARO, AVORE, BIRIKEDO, CAGORU, SODADO  
 Da fala/escrita: MININO, CUELIO

Influência do Dialeto: não há.

Acertos : CASA, GATO.

- 3) Comentário: Na teoria da psicogênese da escrita de (FERREIRO, 1994), o SC15 está no nível alfabético. Observamos que no material coletado que, de 12 palavras prosuzidas por ele na atividade 2, ele acertou 2. Observa-se a maior produtividade de erros ortográficos são oriundos da falta de domínio das regras ortográficas.

#### **SC 16 - Categoria 4 – alfabético.**

- 1) Texto: O aluno desenvolve um texto que conta uma história. Comete erros ortográficos oriundos da falta de domínio pela arbitrariedade das regras do sistema ortográfico do português, e também advindo da fala/escrita.
- 2) Palavras – Fontes de erros:  
Arbitrariedade das convenções ortográficas: IPOPOTOLO, BISICLETA, CACHORO, SAUDADO.  
Da fala/escrita: não há.  
Influência do Dialeto: não há.  
Acertos: CASA, MENINO, BORBOLETA, CARRO, ARVORE, BRINQUEDO, COELHO, GATA.
- 3) Comentário: Na teoria da psicogênese da escrita de (FERREIRO, 1994), o SC16 está no nível alfabético. Observamos que no material coletado que, de 12 palavras prosuzidas por ele na atividade 2, ele acertou 8. Observa-se a maior produtividade de erros ortográficos são oriundos da falta de domínio das regras ortográficas. O aluno acerta uma palavra que é acentuada, porém sem colocar o acento, isso ocorre por falta de domínio das regras de acento.

#### **SC 17 - Categoria 4 – alfabético.**

- 1) Texto: O aluno desenvolve um texto que conta uma história, é interessante observar que o aluno usa os nomes dos membros de sua família. Comete erros ortográficos oriundos da falta de domínio pela arbitrariedade das regras do sistema ortográfico do português.
- 2) Palavras – Fontes de erros:

Arbitrariedade das convenções ortográficas: IPOPOTUMU, BIÇICLETA, CARO, AVRI, BRICEDO, ,CAXORO,SODADO.

Da fala/escrita: COELIO.

Influência do Dialeto: não há.

Acertos : CASA, MENINO, BORBOLETA, GATO.

- 3) Comentário: Na teoria da psicogênese da escrita de (FERREIRO, 1994), o SC17 está no nível alfabético. Observamos que no material coletado que, de 12 palavras prosuzidas por ele na atividade 2, ele acertou 4. Observa-se a maior produtividade de erros ortográficos são oriundos da falta de domínio das regras ortográficas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que alunos do 2º ano, sujeitos colaboradores desta pesquisa, estão em estágios do desenvolvimento diferentes, 1 aluno está no estágio pré – silábico, 3 no estágio silábico, 1 no estágio silábico – alfabético e 12 no estágio alfabético. Mais da metade dos alunos já estão alfabetizados na escrita de palavras soltas (cometendo a maioria dos erros pela falta de domínio das regras ortográfica do português). Porém uma minoria ainda não está alfabetizada, o que é preocupante, por que eles conhecem as letras, porém não sabem juntá-las para formar palavras simples. Em relação à escrita de textos, são poucos os alunos que conseguem desenvolver um texto com mais de 3 linhas, que conte uma história.

Segundo o PNAIC as crianças devem estar alfabetizadas até o fim do Bia (bloco inicial de alfabetização), aos 8 anos. Com isso, alunos do 2º ano já deveriam estar pelo menos no nível silábico- alfabético e/ou alfabético. O que nós traz uma preocupação em relação a alguns alunos da turma analisada.

Esses alunos já deveriam escrever palavras soltas, e saber escrever textos simples, na Provinha Brasil há habilidades que são avaliadas em três eixos: Apropriação do sistema de escrita, leitura e compreensão e valorização da cultura escrita.

Com isso, pretende-se contribuir para o acompanhamento do desenvolvimento dos alunos na aquisição das habilidades relacionadas ao processo de alfabetização e letramento em Língua Portuguesa e em Matemática esperadas nessa fase de escolarização e, assim, prevenir o diagnóstico tardio das dificuldades acumuladas nesse processo. (INEP, 2014, p.9).

Os três eixos avaliados na Provinha Brasil são:

1. Apropriação do sistema de escrita – diz respeito à apropriação, pelo aluno, do sistema alfabético de escrita. Considera-se a importância de o alfabetizando compreender, entre outros aspectos, a lógica de funcionamento desse sistema, por exemplo: identificar letras do alfabeto e suas diferentes formas de apresentação gráfica, reconhecer unidades sonoras como fonemas e sílabas e suas representações gráficas (dominando

correspondências grafofônicas), reconhecer diferentes estruturas silábicas das palavras e conhecer marcas gráficas que demarcam o início e o término de cada palavra escrita.

2. Leitura – entendida como atividade que depende de processamento individual, mas se insere num contexto social e envolve capacidades relativas à decifração, à compreensão e à produção de sentido. A abordagem dada à leitura abrange, portanto, desde capacidades necessárias ao processo de alfabetização até aquelas que habilitam o aluno à participação ativa nas práticas sociais letradas, ou seja, aquelas que contribuem para o seu letramento. Isso implica que o aluno desenvolva, entre outras habilidades, as de ler palavras e frases, localizar informações explícitas em frases ou textos, reconhecer assunto de um texto, reconhecer finalidades dos textos, realizar inferências e estabelecer relações entre partes do texto.

3. Compreensão e valorização da cultura escrita – refere-se aos aspectos que permeiam o processo de alfabetização e letramento, permitindo o conhecimento e a valorização dos modos de produção e circulação da escrita na sociedade, considerando os usos formalizados no ambiente escolar e os de ocorrência mais espontânea no cotidiano.

A maioria dos sujeitos colaboradores dessa pesquisa já tem as habilidades do primeiro eixo, entretanto as do segundo e terceiro que já deviam estar dominadas ou pelo menos começando a dominar não. O que nós traz uma situação preocupante, de como está a alfabetização no Brasil, já que sabemos que essa não é a realidade apenas dessa escola do DF e do Brasil.

Essa pesquisa pretende ajudar o professor na sua prática pedagógica, ao corrigir os textos dos seus alunos. Os erros não devem ser riscados de vermelho, tão pouco usados para humilhar o aluno, mas sim, usados para ajudar o aluno a acertar, os erros de nossos alunos são valiosos tanto para nós professores em nossas mediações, planejamentos e práticas como também para o aluno entender o porquê está errando, e como é o certo. O erro é uma ponte entre a mediação do professor e o acerto do aluno.

O objetivo da pesquisa foi alcançado, pois conseguiu analisar com êxito os erros cometidos na escrita, quais fenômenos explicam esses erros e qual o estágio de desenvolvimento da escrita esses alunos estão.



Esta pesquisa é relevante e ajudou muito a pesquisadora a rever a sua prática, a refletir mais sobre os erros de seus alunos e principalmente a usar esses erros em sua mediação diária, como uma ferramenta que gera muitos ensinamentos e aprendizados.

## PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Com a conclusão do meu curso eu estudarei para passar no concurso público da secretaria de educação do DF, o meu foco será trabalhar em uma das duas áreas que eu direcionei o meu curso, educação infantil, ou alfabetização (1º ao 3º).

Acredito que para termos uma educação e um mundo melhor, devemos começar com as nossas crianças, desde cedo, e por isso, quero trabalhar com as crianças pequenas.

Pretendo dar aulas de reforço, pois foi por causa de um professor de reforço que eu consegui entender um pouco a matemática. Algo que farei imediatamente, será um curso completo de libras, também quero poder ajudar no ensino dessas crianças, pois está é uma área muito carente em nosso país.

Sei que sozinha não conseguirei mudar a educação do nosso país, mas eu posso conseguir mudar a história das crianças que passarão pelas minhas salas de aula, assim como as minhas professoras da 1ª a 4ª série mudaram a minha história.

Fiz o curso de Pedagogia para exercer essa profissão, e vou fazer isso da melhor forma possível, de modo que a minha prática possa contribuir para ajudar na construção e desenvolvimento do conhecimento de milhares de crianças do nosso Brasil.

A escolha por essa profissão foi por acreditar que eu posso fazer diferente dentro da minha sala de aula, seja em escola pública ou privada. Isso será possível, por que tive professores que:

- Mostraram-me que é possível fazer diferente, se for feito com amor.
- Que toda criança, jovem e adulto aprende, se o professor acreditar nele e lhe oferecer possibilidades para que isso aconteça.
- Que a educação pode ser diferente, se lutarmos para isso.
- Que eu vou ensinar meu aluno, mas vou aprender muito mais com ele.
- Que para eu ser uma boa profissional eu preciso ser flexível, pensar e refletir a minha prática pedagógica diariamente.
- Que eu precisarei conhecer cada aluno, mesmo que isso pareça impossível, pois a aprendizagem de cada um é singular e individual.

- É preciso dar voz a criança, e considerar a sua experiência, pois é a partir destas, que ela aprenderá o novo.
- É preciso além de ser um professor, ser um educador, responsável pela formação do cidadão.

Ao exercer a profissão de professor, tenho a consciência da minha responsabilidade, em que, o aluno deve ser visto como um ser único, singular e capaz. Um Ser capaz de se desenvolver e de construir o seu próprio conhecimento.

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. (Paulo freire)

## REFERÊNCIAS

- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris; FREITAS, Vera Aparecida de Lucas. *Sociolinguística Educacional*. João Pessoa: Editora Universitária, 2009, p. 217-240.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris; FREITAS, Vera Aparecida de Lucas. *Sociolinguística Educacional*. João Pessoa: Editora Universitária, 2009, p. 217-240.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: 144p.
- BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. *Pacto nacional pela alfabetização na idade certa : formação do professor alfabetizador* : caderno de apresentação / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasília : MEC, SEB, 2012, 40 p.
- BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. *Pacto nacional pela alfabetização na idade certa : currículo na alfabetização : concepções e princípios* : ano 1 : unidade 1 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasília : MEC, SEB, 2012, 57 p.
- BRASIL. *Provinha Brasil – avaliando a alfabetização*. Guia de correção e interpretação de resultados. Ministério da Educação. Diretoria de Avaliação da Educação Básica. Inep 2014, p. 52.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e Linguística*. São Paulo: Scipione, 2000.
- CARVALHO, Marlene. *Alfabetizar e Letrar: um diálogo entre a teoria e a prática*. 8.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- FERREIRO, Emília. *Reflexão sobre a alfabetização*. São Paulo: Cortez, 1994.
- LEMLE, Miriam. *Gria Teórico do Alfabetizador*. São Paulo: Editora Ática, 1988.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividade de retextualização*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MELLO, Jeanne de Albuquerque. *Interferência da Oralidade na Produção Escrita*. Pernambuco, 2012.

SOARES, Magda. *Letramento: tema em três gêneros*. Belo Horizonte : ed. Autêntica, 2001.

# ANEXOS

①  
→  
P.S.

NOME: SARAH

IDADE: 6



## MINHA FAMÍLIA



CO SA NA BA O C T M O E T O U I

O E T O K O T O G E

P R O T E L O

F I O L A M A M O T L O L O R P O B O M P O

O I O E M O A Z C O R O T E N O I G T

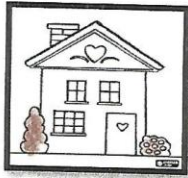
O T O R T R O

O R O P R O

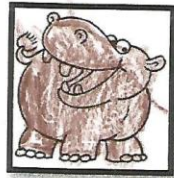
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

NOME: SAMARA IDADE 6

ESCREVA O NOME DOS DESENHOS.



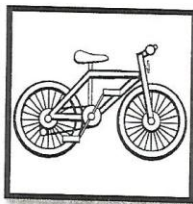
Casa



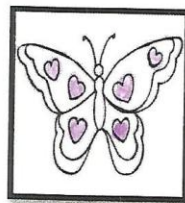
Urso



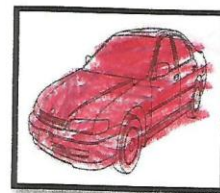
Menino



Bicicleta



Borboleta



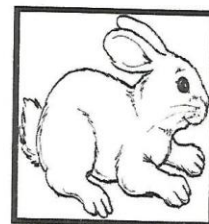
Carro



Árvore



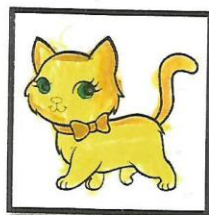
Joguete



Coelho



Cachorro



Gato



Soldado



NOME: MARIA VITÓRIA IDADE: 7

MINHA FAMÍLIA



Quando é dia digo

quando é dia digo

---

---

---

---

---

---

---

---

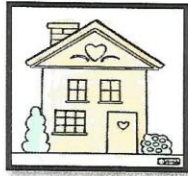
---

---



NOME: maria reátia IDADE: 7

ESCREVA O NOME DOS DESENHOS.



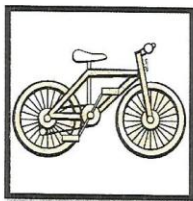
casa



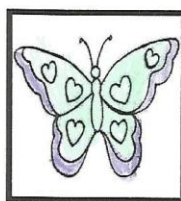
urso



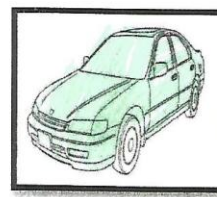
mãe



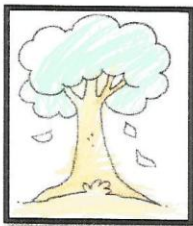
bicicleta



bola



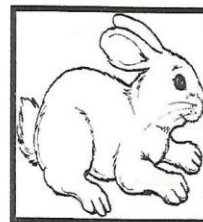
carro



árvore



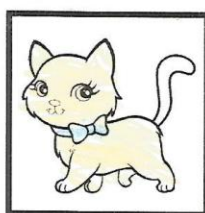
barco



coelho



cão



gato



soldado

③

\*

S

NOME: THAÍS IDADE: 9

## MINHA FAMÍLIA



LUIZ

SÉSINHO

MIRIELLA CAIOCA ISTHAÍS,

NADIA EVERTON

OSHOCA

DAVOT

AOLÉIA

AOLÉIA CÔ LUÍREBI

ROAECZXAORIS

TACEGIKIS

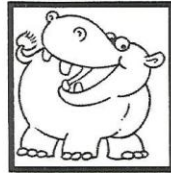
EBDFHJLNON

NOME: THAIS IDADE: 8

ESCREVA O NOME DOS DESENHOS.



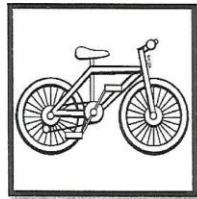
ALACA



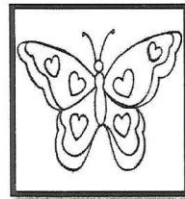
IPAT



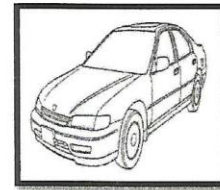
LOAIS



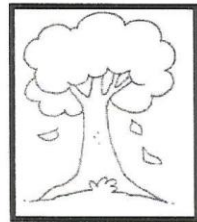
ISEA



PAEIA



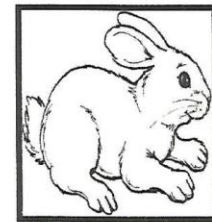
CARRE



AVIOA



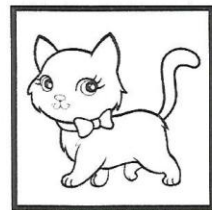
IALAO



DEI



CAOCA



GIO



UA

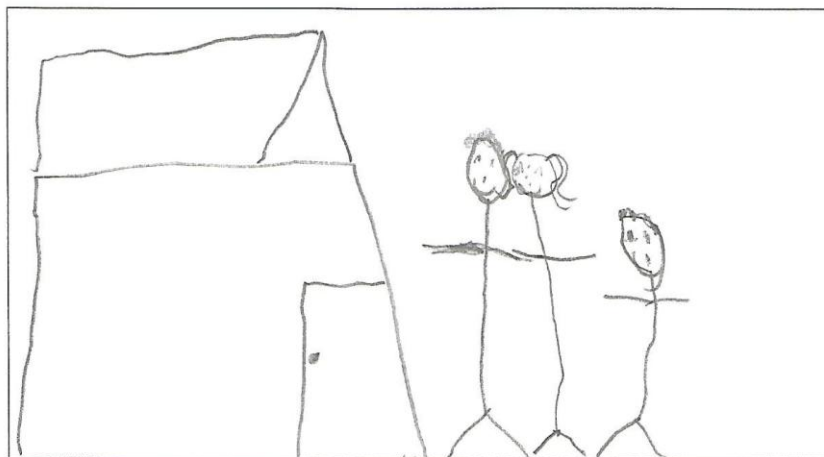
(H)

\*

S

NOME: FLAVIO IDADE: 8

MINHA FAMÍLIA



AICMNTOUV CÃO  
NO IMAÔTSR/MNO  
ZVRSIRMOETU

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

NOME: FLAVIO

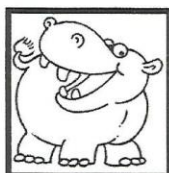
IDADE

8

ESCREVA O NOME DOS DESENHOS.



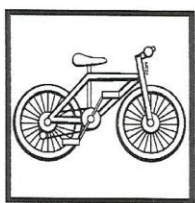
CA MO



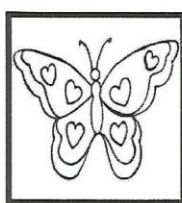
ANCCEMS



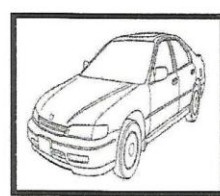
CIAMCRV



MCR/OA



RAVLOMA



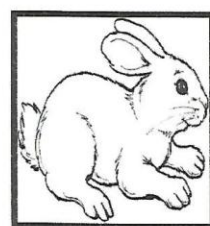
ROMPS



AEV



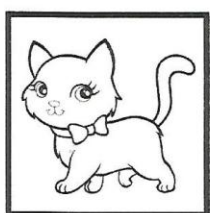
ELBOCA



PAWAKO



COPORA



CORA



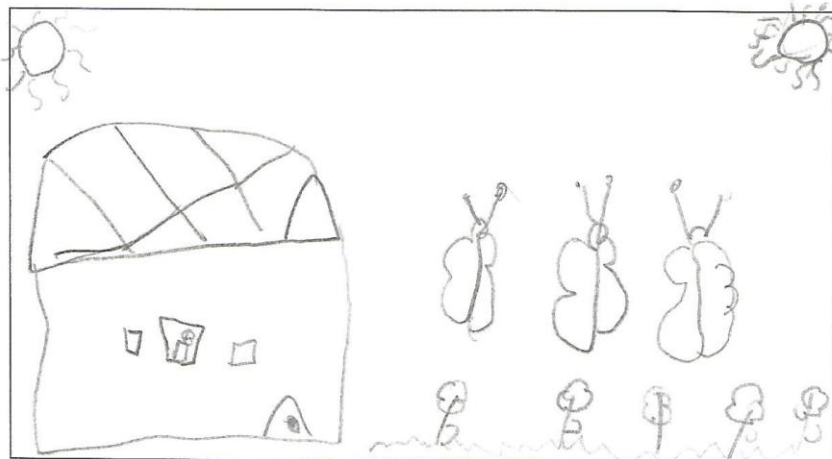
MACO

(5)



5 NOME: MARIA LANY IDADE: 7

MINHA FAMÍLIA



UVE DADUOIE MIA

FA BE UN COIQUIE PACIAU

ECU EFQU IO RAFQU

---

---

---

---

---

---

---

---



NOME: MARIA LANY IDADE: 7

ESCREVA O NOME DOS DESENHOS.



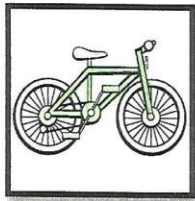
CASA



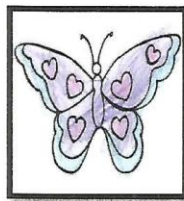
HIPÓPOTE



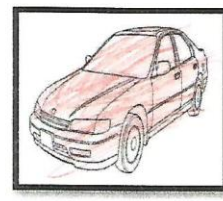
FLORINO



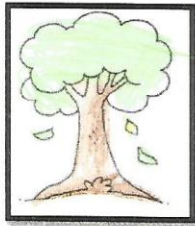
BICICLETA



BOFUMETA



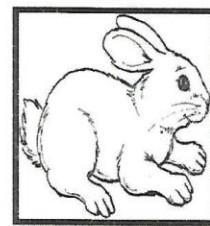
CARRO



ÁRVORE



TRUQUE



MOLETO



CACHORRO



GATO



SOLDADO

6  
#NOME: família IDADE: 7

## MINHA FAMÍLIA



MAMA EU VOI CACO VOCE FIAS ITINO C VOCE  
 PARA VOCE ENA CASA E U VOTI AJODA  
 I VOCE VAI AS TI TE VIZAVI FARA  
 MAMA I VOTI DAU PETE MO ITO Z E TEIMO PEAC

---



---



---



---



---



---



---

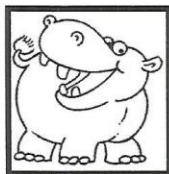


NOME: Emily IDADE: 7

ESCREVA O NOME DOS DESENHOS.



CAZA



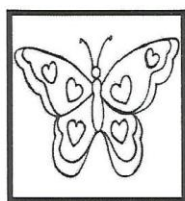
1 POPOTA



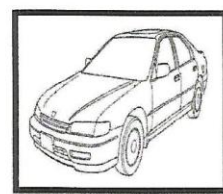
MININO



BINVESTA



BOBOLETA



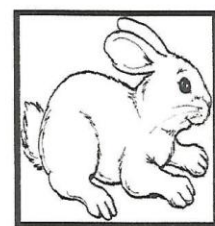
CARRO



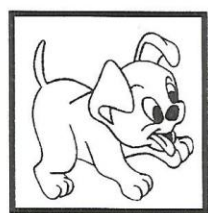
AVI



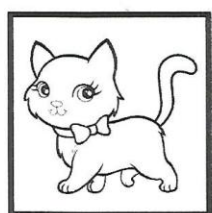
DUNCA



CUERO



CAXORO



GATA



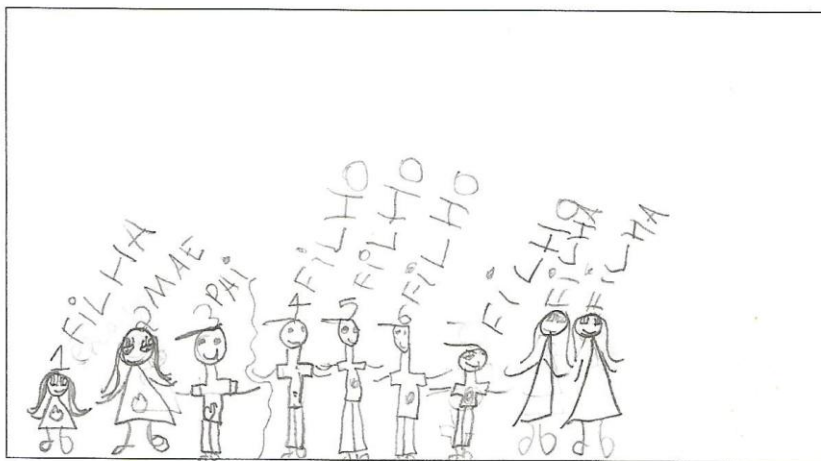
SOUDADO

4

8

NOME: Chayanne IDADE: 7

MINHA FAMÍLIA



A minha família é separada.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

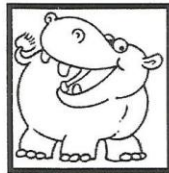
---

NOME: Chayenne IDADE: 7

ESCREVA O NOME DOS DESENHOS.



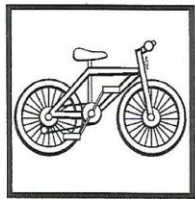
casa



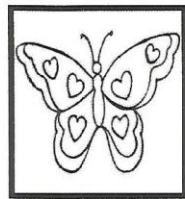
hipopota



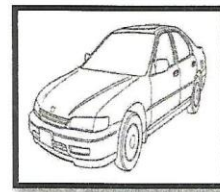
menino



bicicleta



borboleta



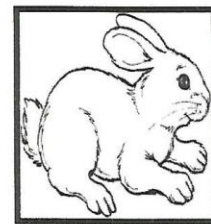
carro



arvore



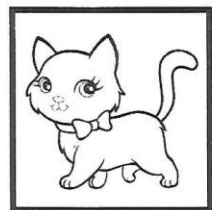
brinquedo



coelha



cachorro



gata

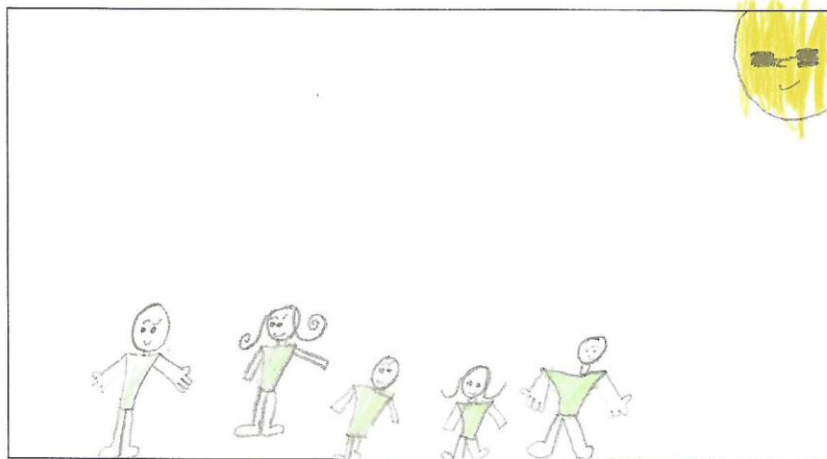


soldado

8  
A

NOME: MATHEUS LVA IDADE: 7

MINHA FAMÍLIA



PAULO HERIQUE TFI MEU PADRÃO MORTE

EU CAU NA LAMA

ACABO COM A BICICLETA

MI MÃE VIDA

MEU PAI É LEGAL

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

NOME: Matheus José IDADE: 7

ESCREVA O NOME DOS DESENHOS.



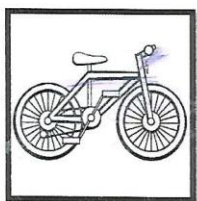
Casa



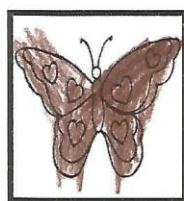
hipopotamo



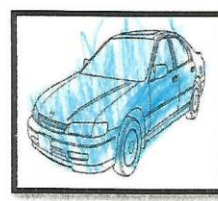
Menino



Bicicleta



borboleta



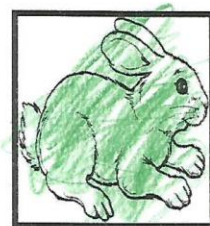
Carro



árvore



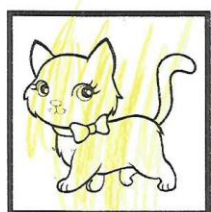
Brinquedo



coelho



Cão



gato



Soldado

9

A

NOME: Gabrielly IDADE: 7

MINHA FAMÍLIA



EU MORO COM O MEU PAI E COM A MINHA MÃE  
ELES SÃO MUITO LEGAL

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

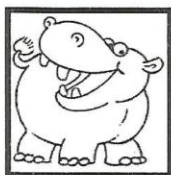


NOME: gabriel IDADE: 7

ESCREVA O NOME DOS DESENHOS.



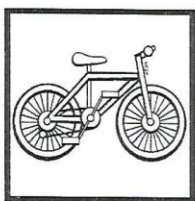
CASA



HIPOPOTAMO



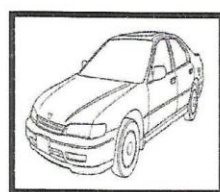
MEMINO



BICICLETA



BORBOLETA



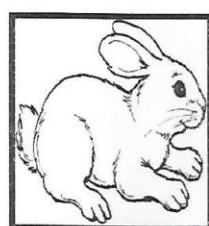
CARRO



ARVORE



BRINQUEDO



COELHO



CACHORO



GATO



SOLDADO

10  
A

NOME: VANESSA IDADE: 7

MINHA FAMÍLIA



MIA MAI E O MEU PAI LEVO NO IS PA  
PASIA NO PARQUIOM DA SIDADE

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---



NOME: VANESSA IDADE 7

ESCREVA O NOME DOS DESENHOS.



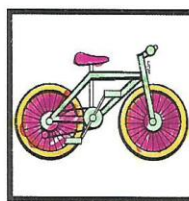
CASA



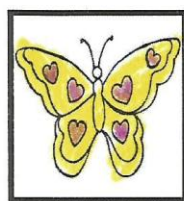
IPODOTAMO



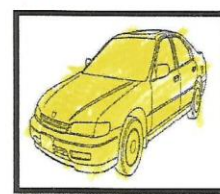
MENINO



BISICLETA



BORBOLETA



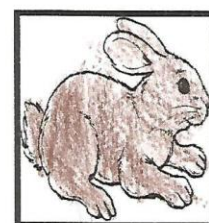
CARRO



AVORRE



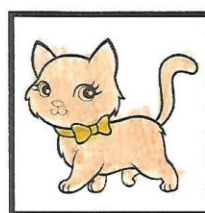
BRIQUE DO



COELHO



CACHORRO



GIATA



SODADO

(11)  
A

NOME: Erica Saraiva IDADE: 7

MINHA FAMÍLIA



Andeme - a mãe gostei de papai  
 raífa eu - a mãe gostei de papai  
 Bruno - meu irmão e legou

---



---



---



---



---



---



---



---

Z

NOME: rickalorissa IDADE 7

ESCREVA O NOME DOS DESENHOS.



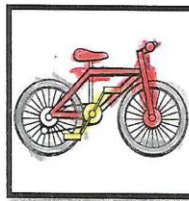
casa



hipopotamo



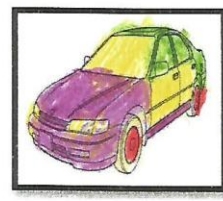
menino



bicicleta



borboleta



carro



arvore



brinquedo



coelho



cachorro



gatinha



soldado

12  
A

NOME: CARLOS IDADE: 7

MINHA FAMÍLIA



EU HOS TO DE - ESTUDA  
EU HOS TO DE FASE E CAMINH  
LEILA ELAURO

---

---

---

---

---

---

---

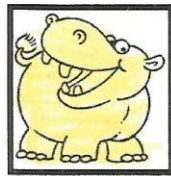
---

NOME: carlos eduardo IDADE: 7

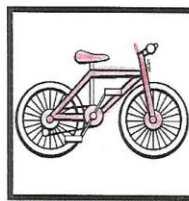
ESCREVA O NOME DOS DESENHOS.



casa



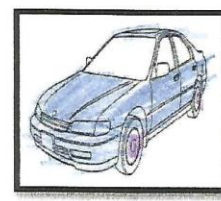
HIPOPOTAMO MINIVO



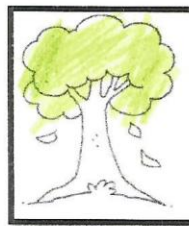
BISOMETA



BORBOLETA



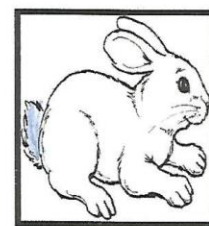
CARRO



ARVORE



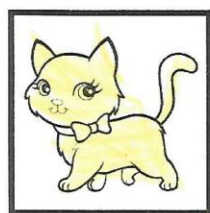
BRINCEDO



COELHO



CACHORO



GATO



ERSEITO

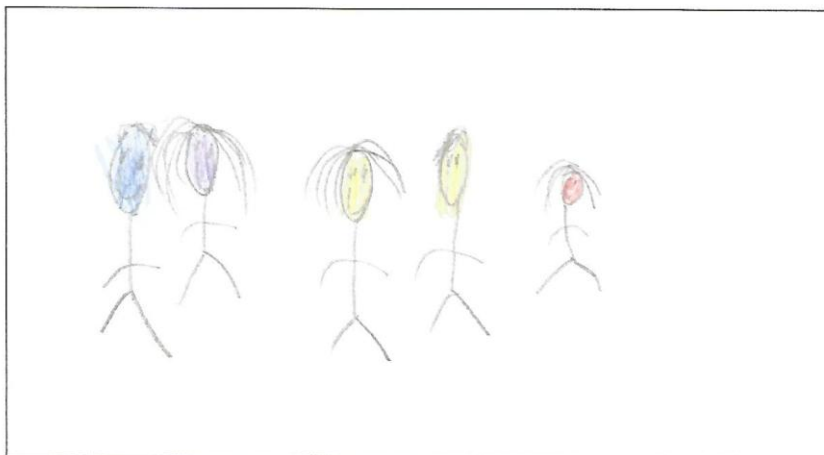


43

A

NOME: LUCAS IDADE: 7

MINHA FAMÍLIA



A MINHA FAMÍLIA É MUITO  
LEGAL A VAMOS TAMBÉM FAZER  
BRINCADEIRAS COM AJUJÁ

---

---

---

---

---

---

---

---

---

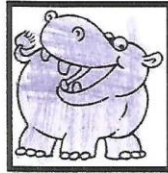
---

NOME: LUCAS IDADE: 7

ESCREVA O NOME DOS DESENHOS.



CASA



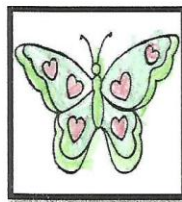
1. POROTAMU



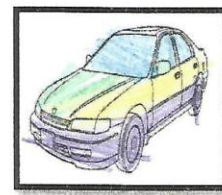
MENINO



BICKLETA



BOBOLETA



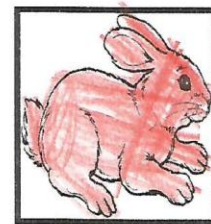
CARROS



AVORE



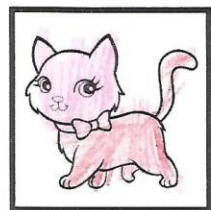
BRIQDOS



CUELHO



CAXORO



GATA

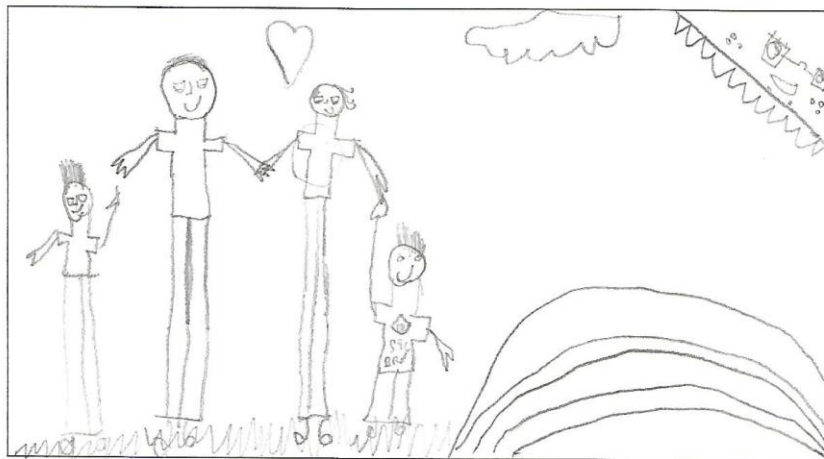


SODADO

39  
A

NOME: GABRIEL ZILBER IDADE: 8

### MINHA FAMÍLIA



A MINHA FAMÍLIA É UMA DAS PESSOAS  
QUE NUNCA MAIS VOU SER  
MINHA FAMÍLIA É UMA DAS QUE  
NUNCA MAIS VOU SER  
EM MINHA FAMÍLIA



NOME: Laetia IDADE: 8

ESCREVA O NOME DOS DESENHOS.



CASA



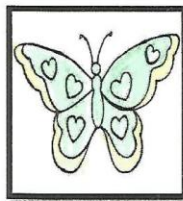
KIPOTAM



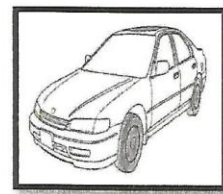
MEU IRMÃO



BICICLETA



BORBOLETA



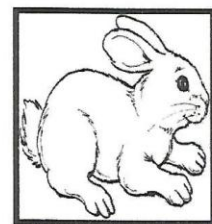
CARRO



ARVORE



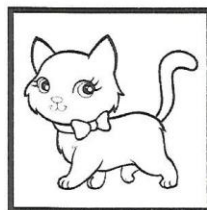
BRINCEDES



COELHO



CAHORRO



GATO



SALDADO

15

NOME: Elaine IDADE: 7

## MINHA FAMÍLIA



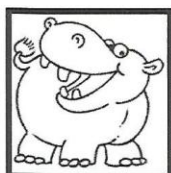
UM DIA EU TAVO MABARIGA DA MIA MAE  
EU NAO SABIA KE EU TERIA UMA FAMILIA  
MAS UM DIA EU KGESI LA GORATEIO FANOS  
A GORA TOCAMIA FAMILIA IV DIA E VIVI  
PARASE PGI

NOME: Clarice IDADE: 5

ESCREVA O NOME DOS DESENHOS.



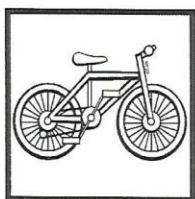
caso



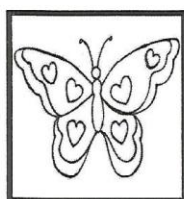
ipopotamo



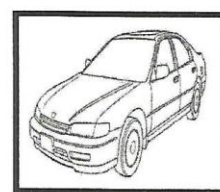
minimo



bicicleta



borboleta



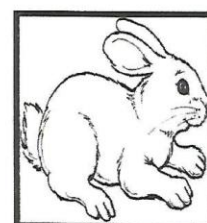
caro



arvore



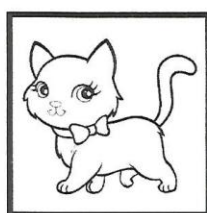
bike do



coelho



cachorro



GATO



SOLDADO

IG  
\*

NOME: GUILHERME IDADE: 7

### MINHA FAMÍLIA



EU TENHO 7 ANOS E AMMAE MÃE DE  
 ANOS GOSTA MO DE TOGA PLEIS  
 TUCHOA O MEU PAI GOSTA DE T  
 BABALHA 2014 MIAVE MO  
 REV DE ATAQUE RUMIYATI A M  
 IAMÃE CHOROU ATE MAIO EN  
 GUANTO MAMÃE TAVA CHORAN  
 DO O MEU PAI TENTAVA AN  
 SAUMA AMIA MÃE E AMIA  
 CIA CHORAVAM ATE A MÃE  
 AS LAGRIMA

NOME: GUILHERME IDADE 7

ESCREVA O NOME DOS DESENHOS.



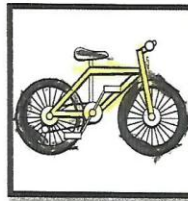
CASA



IPÓPOTOLO



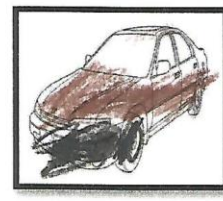
MENINO



BICICLETA



BOLETA



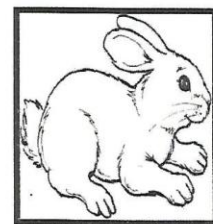
CARRO



ARVORE



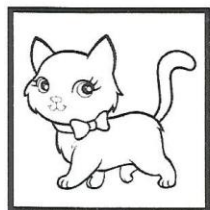
BRINQUEDO



COELHO



CACHORRO



GATA



SOLDADO



17

A

NOME: BRENDA CLAUANE IDADE: 8

## MINHA FAMÍLIA



MINHA FAMÍLIA É UM PEQUENO  
 MUITO FELIZ E LA É ISABELA  
 PRA MI SOCRO É JOZIAS  
 É GRACIANE É OTAVÍ  
 É NAANE É MABA É RICARDO  
 É CAROLU É BRUNO É LAEGIO

X

BRENDA CLAUANE SILVA DE SOUSA

X

É FAMÍLIA

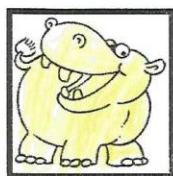
X

NOME: RENDA CLÁIA NE IDADE: 8

ESCREVA O NOME DOS DESENHOS.



CASA



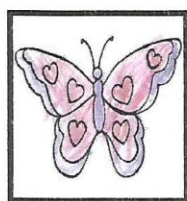
TIPOPOTIMU



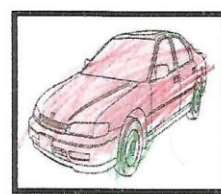
MENINO



BICICLETA



BOB BOLETA



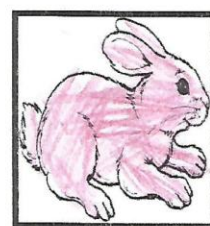
CARRO



ÁRVORE



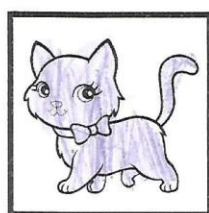
BRINQUEDO



COELHO



CACHORRO



GATO



SOLDADO